

Síncope de -N- e -L- intervocálicos no (galego)-português medieval: resultados e cronologias¹

Syncope of intervocalic -N- and -L- in medieval (Galician)-Portuguese: results and chronologies

MARIA JOSÉ CARVALHO

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (CELGA-ILTEC)

RESUMO. Como é sabido, a síncope de -N- e -L- intervocálicos é um fenómeno exclusivo do galego-português, dentro do quadro das línguas peninsulares. É no sentido de localizar as mudanças linguísticas no tempo que nos propomos apresentar dados empíricos com vista ao estabelecimento das várias cronologias da eliminação dos encontros vocálicos que decorreram dessa síncope. Organizámos a seguinte tipologia nas terminações com -N-: (i) -ANA(S); (ii) -ANU/-ANOS; (iii) -ANES; (iv) -ONES; (v) -ŪDINE(S); (vi) -AGĪNE(S); (vii) -ĪNE(M); -ĪNES; (viii) -ONA; -ONU; (ix) -UNU; -UNA; (x) -ENA; -ENU; (xi) -ENE; -ENES; (xii) -INU; -INA. Analisámos, igualmente, o modo de resolução dos hiatos após a síncope de consoantes em outros contextos, bem como o plural dos nomes, adjetivos e pronomes, após a síncope de -L-. Os resultados obtidos conduziram à constatação de que no Português da zona Centro-litoral (de onde é oriundo o *corpus* utilizado) se registaram até ao século XVI os mesmos tratamentos que se registam atualmente nos vários dialetos da Galiza atual.

Palavras-chave: Linguística galega, Dialectologia galego-portuguesa, Fonologia histórica

ABSTRACT. As is well known, the syncope of intervocalic -N- and -L- is a characteristic feature of Galician-Portuguese among the several languages spoken in the Iberian Peninsula. In an attempt to determine when such linguistic change occurs, in this paper we analyse empirical

Data de recepción: 21.07.2014 • Data de aceptación: 13.01.2015.

¹ Este artigo constitui uma versão melhorada de um capítulo da tese de doutoramento da Autora (Carvalho 2006: 426-460), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (inédita). A Autora gostaria de agradecer a Ramón Mariño Paz, assim como a dois revisores anónimos, os seus comentários e sugestões. Assume, naturalmente, inteira responsabilidade por eventuais erros ou imprecisões que possam subsistir.

data establishing the various chronologies of the elimination of vowel combinations resulting from this type of syncope. Our analysis has allowed us to come up with the following typology of terminations with -N-: (i) -ANA(S); (ii) -ANU/-ANOS; (iii) -ANES; (iv) -ONES; (v) -ŪDĪNE(S); (vi) -AGĪNE(S); (vii) -ĪNE(M); -ĪNES; (viii) -ONA;-ONU; (ix) -UNU; -UNA; (x) -ENA; -ENU; (xi) -ENE; -ENES; (xii) -INU; -INA. Particular attention has been paid to the resolution of hiatuses after the syncope of consonants in other contexts, as well as the plural of names, adjectives and pronouns after the syncope of -L-. The results obtained lead us to believe that the forms attested in the Portuguese of the central-coastal zone (where our corpus originates), up to the 16th century, coincide with those perceived in several dialects of Galician.

Keywords: Galician linguistics, Galician-Portuguese dialectology, Historical phonology

1. INTRODUÇÃO

Ao referir-se à eliminação dos encontros vocálicos, quer tenham surgido no “período formativo da nossa língua”, quer resultem de síncope anteriores, de carácter pan-românico, exprime-se deste modo Ivo Castro:

O problema do estabelecimento de cronologias que este fenómeno põe é familiar aos historiadores da língua: de modo muito rápido, pode dizer-se que os hiatos foram sendo eliminados ao longo de todo o século XIV por diversos processos, como a epêntese de uma consoante intervocálica (caso de *vinho* e de *uma*) ou de uma semivogal (caso de *ceia* ou de *a-i-água*, por onde se vê que o fenómeno continua vivo), a crase das duas vogais numa única ou a sua manutenção sob a forma de ditongo, quando uma delas era susceptível de se converter em semivogal (Castro 1993: 99).

Reconhece, porém, que “não é seguro dizer que todos estes hiatos estavam eliminados de uma maneira ou de outra no início do século XV; certamente que alguns demoraram mais tempo [...]” (1993: 99). É precisamente na pista deste Autor, e com o objetivo de fornecer mais dados para a localização das mudanças linguísticas no tempo, que nos propomos de seguida apresentar dados empíricos com vista ao estabelecimento das várias cronologias da eliminação dos encontros vocálicos².

O *corpus* que seleccionámos (Carvalho 2006: 33-287) é constituído por uma amostra de 153 documentos notariais originais (1289-1565), por nós transcritos, oriundos dos fundos do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Alcobaça (Instituto

² Como veremos ao longo deste trabalho, o português parece ter conhecido, igualmente, a etapa da desnasalização que caracteriza o galego atual. Sobre a desnasalização vocálica no galego medieval, veja-se Mariño Paz (2002: 71-118). Consultem-se, especialmente, as páginas 72 a 76, onde é feita a apresentação teórica da questão da nasalidade galego-portuguesa nos contextos em causa, e realçada a dificuldade de reconstruir o fenómeno da desnasalização, por carência de documentação para as épocas mais antigas.

dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo), um centro particularmente importante na cultura portuguesa medieval. É, de facto, nossa convicção que é na documentação medieval oriunda dos mosteiros que se poderá encontrar a génese da diversidade atual, na medida em que refletem mais intensamente traços da língua oral da época. Ao longo da análise deste *corpus*, procedemos a uma comparação com a situação linguística dos documentos da primitiva região galego-portuguesa (Maia 1997²), no que diz respeito ao fenómeno tratado³.

Na página seguinte apresenta-se o mapa dos coutos de Alcobaça, de acordo com D. Maur Cocheril (1989: figura II das ilustrações): Alcobaça, Aljubarrota, Cós, Maiorga, Évora de Alcobaça, Turquel, Alvorninha, Pederneira, Cela, Alfeizerão, S. Martinho do Porto, Santa Catarina e Paredes.

³ A obra de Maia 1997² (*História do Galego-Português*) será referenciada, ao longo deste artigo, como *HGP*. Os documentos são apresentados de acordo com o ano, abreviatura da localidade, e número, dentro da coleção que editámos (Carvalho 2006: 33-287). A localidade de Alpedriz, embora não fazendo parte dos coutos de Alcobaça, está muito próxima da linha divisória traçada, pelo que a inserimos na região em estudo.

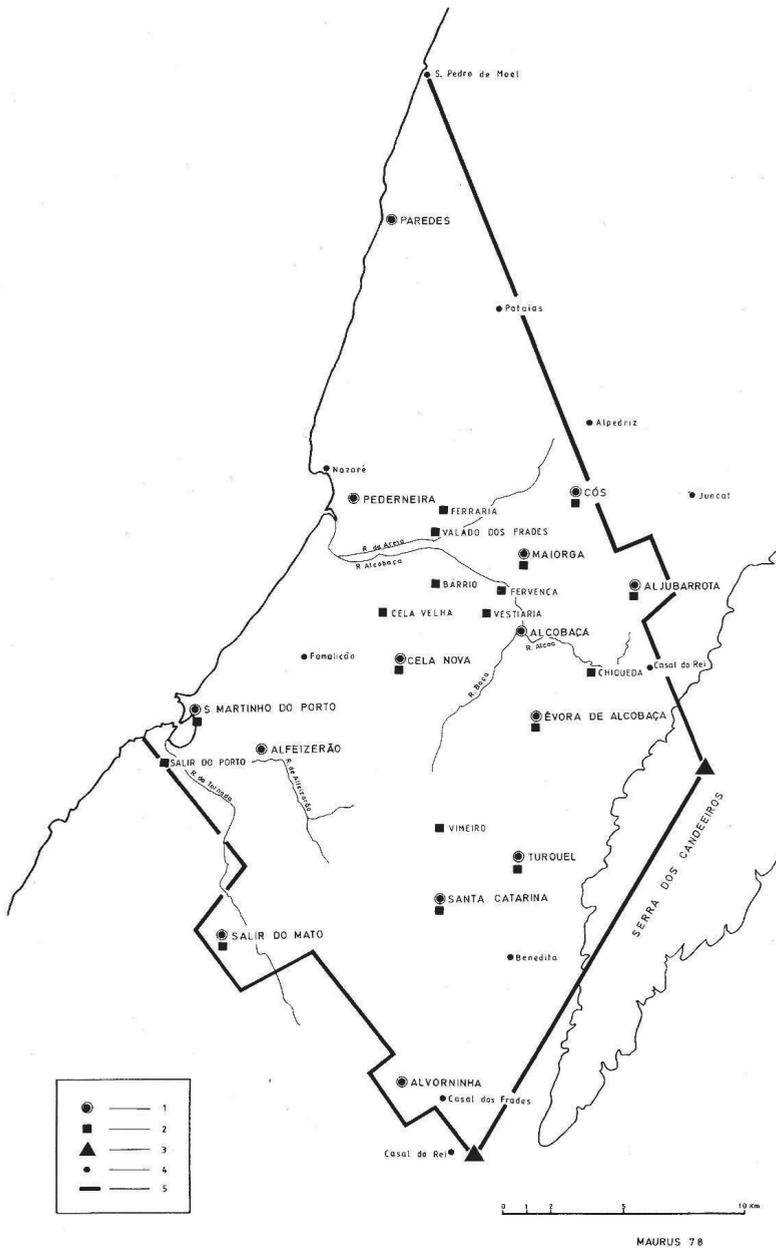


Figura 1 – Mapa dos coutos, de acordo com Cocheril (1989: Figura II das ilustrações): 1 – Vilas dos coutos. 2 – Granjas. 3 – Arcos da Memória. 4 – Outras localidades. 5 – Limites aproximados dos coutos.

2. ANÁLISE DO CORPUS⁴

2.1. Terminação -ANA(S)⁵

Nestas circunstâncias, com a síncope de -N- intervocálico, a nasalidade transmitiu-se à vogal que precede essa consoante. A grafia mais generalizada é, portanto, -ãa: *campãa* (1460 MA 112; 1482 MA 125; 1527 MA 146; 1528 MA 147 e 1529 MA 148), *canpãa* (1383 Alj 53; 1405 MA 70; 1419 MA 79; 1426 MA 85; 1490 MA 131; 1495 MA 134 e 1507 MA 139), *cãpãa* (1489 MA 130 e 1500 MA 136), *marãa* (1500 MA 136), *marrãa* (1426 MA 85 e 1529 MA 148), *quãpãa* (1471 MA 119; 1477 MA 121; 1478 MA 122; 1478 MA 123 e 1484 MA 126), *quintãa* (1399 MA 65; 1413 MA 75, 4 v. e 1490 MA 131, 6 v.) e *quyntãa* (1490 MA 131).

Um outro processo de assinalar o encontro de duas vogais após a síncope de -N- é o uso de dois sinais diacríticos, semelhantes a duas vírgulas, uma sobre cada uma das vogais geminadas: *jrmáá* (1343 AM 31 e 1343 Cós 32) e *quintáá* (1413 MA 75, 3 v.). Esta grafia não ultrapassa, todavia, os primeiros anos do século XV. A partir de finais do século XIV, o sinal de nasalidade da vogal encontra-se frequentemente ausente, datando de 1399 o primeiro documento onde se regista a primeira forma nessas circunstâncias: *campaa* (1505 MA 138), *canpa* (1452 MA 106; 1455 MA 108), *canpaa* (1429 MA 88; 1453 MA 107; 1465 MA 116; 1502 MA 137), *cãpaa* (1416 MA 78; 1422 MA 82; 1425 MA 84), *chaa* (1416 MA 78), *marraa* (1465 MA

⁴ Na sequência das considerações metodológicas já abordadas por Mariño Paz (2002), parece-nos igualmente importante salientar dois aspetos que se deverão ter em conta ao tratar um *corpus* cronologicamente seriado, como aquele que seleccionámos: em primeiro lugar, a delimitação das etapas epocais foi feita em função do que nos dizem os documentos sobre os fenómenos, em termos de tendências evolutivas. Ou seja, foi a própria evolução dos fenómenos observados que proporcionou a informação sobre os segmentos temporais, pois só assim foi possível saber se a evolução da língua se produziu a um ritmo sempre igual ou se, pelo contrário, as mudanças se acumularam em determinadas épocas. A este respeito, e como é sabido, as cronologias não coincidem simultaneamente para todos os fenómenos. Por outro lado, ao seleccionarmos uma amostra documental deste tipo, é importante termos presentes as limitações que os documentos do passado encerram em termos de representatividade: “Historical documents survive by chance, not by design, and the selection that is available is the product of an unpredictable series of historical accidents” (Labov 1994: 11). Isto significa que poderá haver uma grande abundância documental em determinadas épocas e alguma escassez, em outras. Os dois tipos de considerações ajudam a compreender as diferentes delimitações temporais apresentadas nos gráficos do nosso artigo bem como a matizar eventualmente algumas cronologias apresentadas nas conclusões a que chegámos.

⁵ Sobre os resultados das terminações latinas apresentadas neste e nos parágrafos seguintes, consulte-se o estudo, num *corpus* mais extenso, diversificado (textos literários, historiográficos e notariais) e estatisticamente fundamentado, de Mariño Paz (2002: 97-106), a propósito da situação do galego medieval.

116, 2 v.), *quãpaa* (1459 MA 110; 1479 MA 124; 1485 MA 128) e *quintaa* (1399 MA 65⁶; 1416 MA 78, 7 v.; 1422 MA 82; 1500 MA 136).

A crase das duas vogais em hiato só começa a registar-se a partir de 1428, volvido, portanto, o primeiro quartel do século XV: *campã* (1522 MA 144), *canpa* (1452 MA 106 e 1455 MA 108), *cãpã* (1519 MA 142), *q[ui]ntas* (1428 MA 87), *quymtã* (1519 MA 142), *quyntã* (1519 MA 142) e *quýtã* (1519 MA 142, 6 v.).

2.2. Terminação -ANU/ -ANOS

Nos lexemas em cujo étimo se encontra esta terminação o resultado é, geralmente, *-ão(s)* ou *-aão(s)* (por vezes *-ãoo(s)*). Ilustram o primeiro caso os seguintes testemunhos⁷: *chão* (1509 Ped 140, 6 v.; 1522 MA 144, 3 v.; 1527 MA 146, 2 v. e 1565 Alc 153), *chãos* (1565 Alc 153), *frangão*⁸ (1528 MA 147), *jrmão* (1437 Ped 94; 1455 MA 108, 4 v. e 1490 MA 131), *jrmãos* (1565 Alc 153, 4 v.), *mão* (1299 MA 7; 1305 Alp 11, 2 v.; 1307 Alp 13, 2 v.; 1366 M A 46; 1491 Alj 132, 2 v. e 1565 Alc 153), *mãos* (1455 MA 108; 1489 MA 130 e 1526 Ped 145), *soã* (1541 Sal 152), *foão* (1337 Alc 27), *ffão* (1307 Alp 13) e *ffoão* (1509 Ped 140, 2 v.; 1521 Ped 143). Formas com geminação gráfica da primeira (ou segunda) vogal da terminação começam a aparecer nos textos primitivos, o que permite concluir que o hiato tinha começado a desaparecer da língua falada desde finais do século XIII:

Séculos XIII e XIV:

chaão (1399 MA 66, 4 v.), *frangaãos*⁹ (1383 Alj 53), *maão* (1299 Alc 7; 1304 Alc 10; 1328 Alj 21; 1329 Evo 22; 1330 Tur 23; 1334 Alf 25; 1336 Alj 26; 1343 Cós 32, 2 v.; 1350 AM

⁶ No mesmo documento regista-se a forma *quintãa*.

⁷ Excluimos as formas *capelão* (1515 SM 141) e *folorgião* (1528 MA 147), atendendo à rejeição, por J. I. Louro, da hipótese de formação autóctone portuguesa das mesmas. Assim, considera que o protótipo latino destas palavras se enquadra num grupo de formas derivadas com o sufixo -ANUS com o sentido de agente (muitas delas formadas na baixa latinidade), mas advoga para elas uma proveniência francesa ou provençal (Louro 1952: 61).

⁸ Segundo Machado (1995⁷: s. v.), a evolução deu-se no sentido *frangão* > *frango* ('pollo', gal.). De facto, a forma *frangão* é medieval, não tendo vitalidade no português atual. Segundo o Autor, *franganum* já ocorria em 1258, em Latim bárbaro, embora a sua etimologia não esteja ainda esclarecida. Assim, a forma FRANGANU- do baixo latim, apresentada por alguns autores, "não serve para explicar etimologicamente o voc. port. *frãngão*, mas sim para demonstrar que na época do documento em que ela ocorre já a palavra existia no nosso idioma". Também para A. G. da Cunha, a origem da palavra, que seria, possivelmente, um aumentativo de *frango*, é controversa (Cunha 1998¹⁰, s. v.).

⁹ No mesmo documento, um pouco mais adiante, encontra-se a forma *frangoes*, no mesmo contexto ("capoes e frangoes"), o que significa que a penetração das terminações nasais análogas

36; 1351 Alv 37; 1355 Cel 40; 1375 MA 48), *Romaão* (1362 MA 44), *Sarraão* (1377 Alv 50), *farraão* (1380 Alv 52) e *Uilaão* (1399 MA 65).

Séculos XV e XVI:

chaão (1413 MA 75; 1460 MA 112; 1471 MA 119, 6 v.; 1477 MA 121, 8 v.; 1484 MA 126, 4 v.; 1484 MA 127, 5 v.; 1527 MA 146, 2 v.), *chaão* (1471 MA 119), *chaãos* (1413 MA 75; 1419 MA 79; 1527 MA 146), *chão* (1505 MA 138, 9 v.), *hyrmaão* (1437 Ped 94), *jrmaão* (1405 MA 70; 1438 Ped 95, 2 v.), *jrmão* (1490 MA 131, 3 v.; 1495 MA 134; 1507 MA 139, 2 v.), *Louçaão* (1438 Ped 95, 2 v.), *maão* (1405 MA 70; 1430 Cós 89; 1491 Alj 133, 2 v.; 1536 SC 150; 1536 SC 151, 3 v.), *maãos* (1472 TC 120), *mão* (1428 Alj 86, 2 v.), *mãos* (1495 MA 134, 2 v.), *soaão* (1410 MA 73), *ffoaão* (1438 Ped 95; 1471 MA 119, 2 v.; 1477 MA 121; 1484 MA 126; 1485 MA 128) e *yрмаão* (1438 Ped 95).

Se atentarmos nas formas gráficas das unidades lexicais *mão* e *chão*, concluiremos que (pelo menos, na primeira forma) a geminação gráfica da vogal não tem carácter tardio:

Formas ¹⁰	Cronologias	Ocorrências	Formas ¹¹	Cronologias	Ocorrências
<i>mão</i>	1299-1565	9	<i>chaão/chaão</i>	1399-1527	32
<i>maão</i>	1304-1536	20	<i>chaãos</i>	1413-1527	3
<i>mãos</i>	1455-1526	3	<i>chão</i>	1509-1565	12
<i>maãos</i>	1472	1	<i>chãos</i>	1565	1

Tabela nº 1 – Cronologia e frequência da geminação vocálica nas unidades lexicais *mão* e *chão*

Como se pode observar, a forma *maão* é, na língua escrita do *corpus* em estudo, relativamente coeva de *mão* e representa cerca do dobro das variantes de tipo atual.

começava nesta altura a provocar flutuações, inclusive no discurso do mesmo falante. Em finais do século XV, regista-se *frangoos* (1485 MA 128), como veremos adiante.

¹⁰ Encontram-se igualmente formas em que a vogal geminada graficamente é *o* e não *a*: *mão* (1428 Alj 86, 2 v.) e *mãos* (1495 MA 134). Relembramos aqui a seguinte afirmação de I. Castro: “Um dos novos ditongos mais interessantes foi aquele que resultou de hiatos como *mã-o*: ele viria a ter um papel decisivo em outra das transformações deste período, a unificação, precisamente em *-ão*, de terminações nasais de substantivos singulares e de verbos, que provinham de uma grande quantidade de sufixos desinenciais latinos e que, em esforço de condensação, se achavam já reduzidas a duas: *-ã* e *-õ*” (1993: 99-100). Quanto à precocidade da formação de ditongos orais, não pode haver dúvidas relativamente à geminação gráfica de uma das vogais, tal como: *Vááo* (1332 Alc 24), *Uááo* (1332 Alc 24), *Nicolááo* (1345 MA 33, 3 v.), *paaos* (1452 MA 106), *rreeo* (1402 Ped 68), *rréeo* (1421 Evo 80), etc. Curiosamente, apenas no século XVI surgem as formas sem qualquer geminação não etimológica da vogal (*Reos*, *breo*, por ex.).

¹¹ Esta unidade lexical apresenta variantes cuja vogal geminada é *o* e não *a*: *chão* (1505 MA 138, 9 v.).

Quanto a *chaão e chaãos*, são, no nosso *corpus*, cronologicamente anteriores a *chão* e *chãos*, e surgem nos textos a partir de finais do século XIV, altura em que o seu referente se começa a associar, como tipo de propriedade, ao emprazamento.

Um outro processo gráfico de assinalar o hiato é o diacrítico semelhante a um acento agudo sobre cada uma das vogais, não sendo, todavia, muito frequente: *chááo* (1345 MA 33), *Juíááo* (1328 Alv 20), *Juíááo* (1328 Alv 20), *foááo* (1315 Alj 15), *ffarrááo* (1345 MA 33), etc.

Se compararmos estes exemplos com os que representam a terminação -ANA e apresentam os dois diacríticos sobre as vogais, concluímos que se encontram maioritariamente na primeira metade do século XIV (só exceccionalmente aparecendo uma forma datada do século seguinte). Curiosamente, a partir de finais do século XIV, o sinal de nasalidade encontra-se, não raras vezes, ausente: *chao* (1469 Cel 118, 7 v.), *chao* (1462 Alj 115, 2 v.), *chaaos* (1416 MA 78; 1450 Alv 104), *chao* (1505 MA 138, 2 v.), *jrmaao* (1450 Alv 104), *Louçao* (1397 MA 63; 1452 MA 106), *maao* (1402 MA 67), *maaos* (1422 MA 81), *maaoσ* (1462 Mai 114), *foaao* (1465 MA 116), etc. Ora, atendendo à cronologia tão distinta das formas dos dois tipos, parece-nos que aquela em que a nasalidade não aparece assinalada poderá refletir um estado linguístico mais avançado, eventualmente já sem hiato vocálico na oralidade.

Finalmente, para o mesmo tipo de terminação oferecem os documentos sob análise as grafias *-ã*, *-am* e *-ãm* ao longo dos séculos XIV, XV e XVI. Apresentam-se a seguir as formas mais representadas¹²: *chãm* (1484 MA 126), *Loucãm* (1532 Tur 149), *soã* (1306 Cós 12; 1541 Sal 152), *soam* (1356 MA 41; 1359 MA 42, 2 v.; 1397 MA 63; 1450 Alv 104, 3 v.; 1529 MA 148) e *foam* (1363 MA 45; 1403 MA 69; 1502 MA 137 e 1522 MA 144, 2 v.).

Detenhamo-nos agora numa forma do nosso *corpus* que representa a terminação -ANU átona: trata-se da que representa historicamente o nome STĒPHANUS. Tal como se verifica na região portuguesa estudada em *História do galego-Português (HGP)*, essa forma termina em *-ã* ou *-am* na coleção agora analisada: *Eft[eu]ãm* (1462 Mai 114), *Eft[eua]m* (1482 MA 125), *Efteuã* (1297 Cós 4, 2 v.; 1328 Alv 20, 2 v.; 1440 MA 96, 3 v.; 1442 SM 97; 1442 MA 98; 1443 Alf 99, 2 v.; 1487 PP 129; 1496 Sal

¹² Consideramos separadamente as formas *capelã* (1306 Cós 12), *capelam* (1459 MA 111; 1478 MA 122), *capelaom* (1515 SM 141), *dayam* (1304 Alc 9), *Ermitã* (1307 Alp 13), *jrmytã* (1532 Tur 149) e *forolljgiam* (1443 Alf 99), uma vez que todas elas se incluem, de acordo com J. I. Louro, no grupo de formas que não revelam uma formação autóctone. Um outro tipo constitui as formas *tecelam* (1485 MA 128) e *tecellam* (1399 MA 66), uma vez que deverá tratar-se de formas derivadas tardiamente de *tecer*. A forma portuguesa medieval historicamente representante de *tecer* é *tecedor* (tal como no espanhol), pelo que as regras que presidiram à formação de *tecellam* poderão ter sido idênticas às que permitiram, no português atual, a constituição de *comilão*, (de *comer*), com o mesmo sentido de agente, embora com o matiz aumentativo neste último produto lexical.

135), *Eftevam* (1505 MA 138), *Steuã* (1298 Alc 6; 1326 MA 19; 1334 Alf 25, 2 v.; 1346 Tur 35, 3 v.; 1352 Ped 38, 2 v.; 1391 MA 59, 2 v.; 1425 MA 84; 1429 MA 88), *Steuam* (1289 MA 1), *Stevam* (1500 MA 136), *ft[eu]m* (1482 MA 125, 2 v.) e *fteuã* (1482 MA 125; 1509 Ped 140). A terminação *-ão* ocorre apenas uma vez, num documento tardio¹³: *Esteuão* (1529 MA 148). Segundo Clarinda Maia:

Os exemplos portugueses terminados em *-ã* ou *-am* podem corresponder a formas vivas da linguagem da época em que o ditongo nasal se transformou numa vogal nasal, facto, aliás, não desconhecido na região, mas também não pode pôr-se de parte a possibilidade de que as referidas grafias fossem apenas processos gráficos de representar o ditongo *-ão* (Maia 1997²: 593, n. 3)¹⁴.

2.3. Terminação -ANIS

O patronímico *Duraez*, sem representação de nasalidade, ocorre três vezes num documento redigido em Alvorninha (1450 Alv 104, 3 v.). O seu carácter de excecionalidade impede-nos, todavia, de concluir se a ausência da representação da nasalidade constitui um traço linguístico ou apenas gráfico.

Analisaremos a seguir o representante histórico do patronímico STĒPHANIS, ou seja, uma forma proparoxítone (e, por isso, com terminação nasal em sílaba átona). Não obstante muitas formas se encontrarem abreviadas nos documentos, tudo leva a crer que a crase das duas vogais em hiato se tenha aqui processado mais cedo do que em outras já apresentadas. Nos documentos mais antigos encontra-se a forma *Efteuãiz* (1297 Cós 4) mas desde cedo se verifica a assimilação vocálica exercida por *i* final: *Efteueyz* (1298 Alc 6, 2 v.) e *fteueiz* (1304 Alc 10, 2 v.). Ainda no período mais arcaico da língua, a esse tipo de assimilação sucede-se aquela que conduz ao resultado *-eez*, por vezes sem indicação de nasalidade: *fteueez* (1324 Alc 18) e *fteuëez* (1326 MA 19, 2 v.). A partir de 1334, todas as formas registadas por extenso evidenciam a crase das duas vogais anteriores médias¹⁵: *Efteuëz* (1334 Alf 25; 1469 Cel 118; *Efteuëz* (1487 PP 129), *Efteuëz* (1509 Ped 140, 2 v.; 1536 SC 150, 4 v.; 1536 SC 151), *Eftevëz* (1536 SC 151, 2 v.) e *fteueez* (1455 MA 108, 2 v.).

¹³ Nas *Cantigas de Santa Maria* já se encontra, todavia, a forma *Estevão*. (Mettmann 1959: I, 178, l. 18 e. 179, l. 28).

¹⁴ A Autora apresenta alguns exemplos de *-am* com valor de *-ão* em textos antigos portugueses.

¹⁵ Há que ter em conta, todavia, que no período compreendido entre 1334 e 1455 não se verificam formas por extenso deste patronímico.

2.4. Terminação -ONES

As formas mais representadas são aquelas em que, após a síncope de -N-, a vogal anterior adquiriu nasalidade, graficamente representada por til. Entre 1291 e 1565 contam-se 98 ocorrências, exibindo a solução idêntica à do português atual: *barões* (1426 MA 85), *capões* (1291 Alc 2; 1519 MA 142), *côdições* (1317 Alc 16; 1321 Alc 17; 1334 Alf 25, 2 v.; 1337 Alc 27; etc.), *cofrontações* (1495 MA 134), *nomeações* (1495 MA 134; 1507 MA 139), *obrigações* (1505 MA 138), *tabaliões* (1298 Alc 6), etc.

Um aspeto interessante diz respeito à terminação do plural de *tabaliõ*, atrás citada. Em finais do século XIII documenta-se *tabaliões*, mas no segundo quartel do século XV essa terminação é já em *-ães*, eventualmente por analogia com o plural de *scriuã* (Maia 1997²: 603, n. 3): *tabaljães* (1437 Ped 94, 2 v.).

São igualmente numerosas as formas em que falta na terminação a representação gráfica da nasalidade. Entre 1291 e 1529 contam-se 45 ocorrências, o que poderá indiciar que a desnasalização não deverá ter sido peculiar ao galego, tendo afetado igualmente o português do Centro do País. O fenómeno parece ter tido repercussão na segunda metade do século XIV: *capoef* (1291 Alc 3), *[cõ]dições* (1359 MA 42), *[con]dições* (1386 MA 55; 1405 MA 70, 3 v.; 1409 MA 72; 1507 MA 139), *capoes* (1362 MA 44; 1372 MA 47; 1383 Alj 53), *çazoes* (1377 Alv 50), *cõdições* (1350 AM 36, 2 v.; 1359 MA 42; 1372 MA 47), *cõdjções* (1450 Alv 104, 2 v.), *cõdyções* (1377 Alv 50), *cõfromtações* (1521 Ped 143), *cõfrôtações* (1509 Ped 140), *comffromtações* (1529 MA 148), *condições* (1362 MA 44, 3 v.; 1363 MA 45, 3 v.; 1405 MA 70; 1502 MA 137), *coftytuções* (1433 Ped 90), *diuifoes* (1350 AM 36), *eixacuções* (1351 Alv 37, 2 v.), *frangoes*¹⁶ (1383 Alj 53), *ordenações* (1519 MA 142), *posifoes* (1350 AM 36, 2 v.), *pregoes* (1351 Alv 37), *prifoes* (1391 MA 59), *prouifoes* (1402 MA 67) e *sazoes* (1405 MA 70; 1450 Alv 104). As formas tardias *cõdyçoys* (1541 Sal 152), *cõffrôtaçoys* (1541 Sal 152), *cõffrôtaçõys* (1541 Sal 152) e *deuyfoys* (1541 Sal 152) constituem uma particularidade periférica¹⁷, já que foram encontradas num documento redigido em Salir do Mato por um tabelião de Aljubarrota, e são idênticas às do atual galego oriental.

A partir do último quartel do século XIV aparecem algumas grafias com geminação de uma das vogais, normalmente a tónica. Trata-se de duplicações vocálicas sem

¹⁶ A forma *frangão* parece ter tido, de facto, dois plurais no português medieval (em *-ãos* e em *-ões*). No mesmo documento, encontra-se *frangaãos*, como apresentado atrás, na secção 2.2.

¹⁷ Este tipo de solução nunca foi encontrado pela Autora de *HGP*, na coleção de documentos da primitiva área galego-portuguesa. A Autora refere, contudo, que encontrou a forma *condiçoys* num texto escrito em 1274 e editado por Margot Sporer (Maia 1997²: 607 e n. 5).

qualquer fundamento etimológico, que revelam indiretamente o desaparecimento do hiato da língua falada. O primeiro documento que evidencia esse tipo de formas data de 1377 e localiza-se no couto de Alvorninha. Entre 1377 e 1528 contam-se cerca de 52 ocorrências (36 com a terminação *-oões*, 16 com a terminação *-oões*): *[cõ]diçõões* (1403 MA 69, 3 v.), *[cõ]diçõees* (1482 MA 125, 2 v.), *[cõ]diçõoēs* (1479 MA 124, 2 v.), *[con]diçõees* (1388 MA 58; 1423 MA 83; 1489 MA 130; 1500 MA 136), *[con]-diçõões* (1409 MA 72; 1410 MA 73, 2 v.; 1413 MA 75), *[con]dicoões* (1413 MA 75, 2 v.), *[con]diçõoēs* (1459 MA 110; 1478 MA 123), *alegaçoōēs* (1459 MA 110), *auçoões* (1399 MA 65), *capõees* (1377 Alv 50), *capõees* (1489 MA 130; 1500 MA 136), *capoões* (1419 MA 79), *capoōēs* (1479 MA 124), *cõdiçõoēs* (1484 MA 126), *cõdjcoões* (1419 MA 79), *cõdjçoões* (1419 MA 79, 2 v.), *condiçoões* (1410 MA 73), *condiçoōēs* (1459 MA 110), *confrontaçoões* (1507 MA 139; 1528 MA 147), *confrontaçoões* (1452 MA 106), *defemfoōēs* (1459 MA 110), *exeiçoōēs* (1459 MA 110), *hobrigacoões* (1440 MA 96), *obrigacõees* (1489 MA 130), *ordenaçoões* (1505 MA 138), *poſſyſſoōēs* (1479 MA 124), *façoões* (1500 MA 136), *façoões* (1413 MA 75), *fazõões* (1403 MA 69), *fazõees* (1408 MA 71), *fazoões* (1408 MA 71; 1410 MA 73; 1460 MA 112), *ſſacõees* (1489 MA 130) e *ſſazoōēs* (1459 MA 110; 1478 MA 122; 1479 MA 124). A partir do século XV, esse tipo de formas surge muitas vezes sem a indicação de nasalidade, revelando a ausência da sua representação ou, eventualmente, a existência de um ditongo oral. Tendo em conta o seu caráter relativamente tardio, inclinamo-nos a aceitar esta segunda hipótese: *capooes* (1416 MA 78, 3 v.), *cõdiçooes* (1422 MA 82), *condicooes* (1452 MA 106), *condiçooes* (1452 MA 106), *condiçooes* (1453 MA 107, 2 v.), *condiçooes* (1465 MA 116), *iurdiçooes* (1528 MA 147), *obrigacooes* (1453 MA 107), *obrigaçooes* (1453 MA 107), *ocupaçooes* (1472 TC 120), *poſſyſſooes* (1453 MA 107), *poſyfooes* (1383 Alj 53), *proujfooes* (1402 MA 67), *rrazooes* (1430 Cós 89), *façooes* (1429 MA 88) e *fazooes* (1452 MA 106, 2 v.; 1453 MA 107, 2 v.).

Um outro resultado que aproxima o estado linguístico dos documentos agora estudados da solução atual do galego atlântico é a terminação *-ōs*, que surge no terceiro quartel do século XIV: *quartejrrōs* (1372 MA 47). A maioria dos exemplos que se seguem situa-se apenas na segunda metade do século XV, apresentando ainda as duas vogais em hiato¹⁸: *[cõ]diçõoos* (1477 MA 121, 4 v.; 1479 MA 124, 3 v.; 1484 MA 126; 1485 MA 128), *[cõ]frontaçoōos* (1477 MA 121; 1485 MA 128), *[con]diçõoos* (1478 MA 122, 2 v.; 1478 MA 123, 2 v.) e *condiçõos* (1408 MA 71).

Excepcionalmente, surge a forma *frangoos* (1485 MA 128), sem representação da nasalidade. Apesar de os documentos portugueses editados por Clarinda Maia

¹⁸ Trata-se do seguinte processo de evolução: *-ões* > *-ōos* > *-ōs*.

nunca evidenciarem este tipo de solução, a Autora admite que “não pode, contudo, pôr-se de parte a possibilidade de aí existirem formas em *-ons*, uma vez que Leite de Vasconcelos ainda registou plurais desse tipo em várias povoações dessa zona fronteiriça” (1997²: 608, nota 3). Referindo-se à existência desse traço nos falares do Algarve, levanta aquela Autora duas questões:

Tratar-se-á de um desenvolvimento espontâneo autóctone que conduziu a formas materialmente semelhantes às que existem em galego ou haverá alguma relação histórica de dependência das formas algarvias relativamente às galegas? Ou, ainda, plurais deste tipo existiriam também no português arcaico e, neste caso, tratar-se-á apenas de arcaísmos (1997²: 609, continuação da nota 3).

No quadro seguinte sintetizam-se as conclusões relativamente às terminações resultantes de *-ONES* latina, no *corpus* sob análise:

	<i>-ões</i>	<i>-oes</i>	<i>-oões</i>	<i>-ooes</i>	<i>-õees</i>	<i>-oees</i>	<i>-õos</i>	<i>-õs</i>	<i>-õys</i>	<i>-oys</i>
Séc. XIII	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-
1300-1349	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1350-1399	42	25	1	-	2	1	-	1	-	-
1400-1450	10	11	19	7	2	-	1	-	-	-
1451-1499	10	-	16	9	6	4	16	-	-	-
Séc. XVI	12	6	-	-	6	1	-	-	1	3

Tabela nº 2 – Frequência das terminações resultantes de *-ONES*

2.5. Terminação *-ŪDĪNE(S)*

Apresentam-se a seguir as formas que representam historicamente derivados latinos com a terminação *-ŪDĪNE(S)*:

Documentos	Formas
1298 Alc 6	<i>firmidõe</i> , 2 v.
1300 Alj 8	<i>firmidõe</i>
1397 MA 63	<i>feruidom</i>
1399 MA 65	<i>ingratidoõe</i> ; <i>ferujdõees</i> ; <i>ferujdoões</i>
1402 MA 67	<i>engratidam</i>
1403 MA 69	<i>liuridõe</i>
1425 MA 84	<i>ferujdoam</i>
1474 TC 120	<i>çertidooe</i>

Tabela nº 3 – Formas que representam, historicamente, derivados latinos com a terminação *-ŪDĪNE(S)*¹⁹

¹⁹ Veja-se o que se diz em Carvalho (2013: 573).

Como se pode verificar, só no último ano do século XIV as terminações *-oðe*, *-oðes* e *-oðees*, com uma das vogais geminadas, revelam indiretamente que já não existia um hiato na oralidade. É no primeiro quartel do século XV (observem-se os exemplos datados de 1402 e 1425) que se verificam formas reveladoras do processo de convergência em *-ão* deste tipo de terminação. Por outro lado, para além de uma hesitação gráfica, frequente em épocas de mudanças em curso, a terminação *-oam* poderá indiciar a ditongação em [õw] da nasal final [õ], tal como foi salientado por John Lipski (1973: 103).

2.6. Terminação *-ĪNE(M)*; *-ĪNES*

Estudaremos, de seguida, o tratamento que tiveram os étimos *ORDĪNE-*, *HOMĪNE-* e respetivos plurais. No singular, a sua evolução parece ter sido semelhante à de *BĒNE-*, ou seja, registou-se a apócope de *e* final, pelo que à referida terminação corresponde sempre uma vogal nasal no período arcaico: *ordē*, *orden*, *ordj*, *ordem*, etc. Excepcionalmente, surge uma grafia com hiato: *ordēe* (1355 Cel 40), mas corresponde a uma percentagem de 1,6%, o que não é suficientemente representativo para se prever a vitalidade de uma outra possível evolução. Diferente evolução regista a forma de plural: *ordēes* (1352 Ped 38). Num texto tardio, a nasalidade não se encontra representada: *hordees* (1472 TC 120), *ordees* (1472 TC 120) e, mais recentemente, verifica-se a crase, com perda da nasalidade, à semelhança das formas ainda hoje vivas na linguagem popular: *ordes* (1526 Ped 145).

Quanto a *HOMĪNE-*, não foi registado qualquer testemunho que faça prever uma solução ligada à preservação de *e* final. As abonações registadas são, pois, do tipo: *homē*, *homen* e *homem*. No plural, o hiato é assinalado, até à primeira metade do século XIV, com dois ápelex sobre as vogais: *ricofoméés* (1291 Alc 3), *homéés* (1300 Alj 8 e 1304 Alc 9) e *oméés* (1346 Tur 35). As primeiras formas que evidenciam a crase das duas vogais datam de 1434²⁰: *homēs* (1434 SC 91, 3 v.), contando-se a partir daí 15 formas com crase, o que significa uma percentagem de 63% no escopo cronológico 1434-1491. No terceiro quartel do século XV, surgem formas esporádicas sem

²⁰ Trata-se de uma emergência tardia que apenas evidencia o peso normativo que a proximidade dos tabeliães a um centro de cultura implicava. De facto, Cardeira e Fernandes demonstraram que nas *Actas das Vereações de Loulé* (de 1384 a 1408) “a opção única pela variante gráfica *homens* na década de 80, forma em que pela sua atonicidade o encontro vocálico se resolveu mais cedo, constitui a este respeito evidência inequívoca da eliminação do hiato. As formas com vogal dupla sem indicação de nasalidade que grafam esta mesma palavra, em maior número em 1408, podem não representar assim formas hiáticas, antes a hesitação própria da inexistência de uma norma gráfica” (Cardeira e Fernandes 1999: 57).

representação da nasalidade: *homees* (1465 MA 116) e *homeeσ* (1467 Mai 117). Aliás, por essa altura, deveriam conviver vários tipos de soluções no idioleto de um mesmo falante, a avaliar pelo documento de periferia (Maiorga) 1467 Mai 117, que evidencia sete ocorrências da forma (com crase) *homẽσ* (78%), a par de uma ainda com hiato (*homẽeσ*) e de outra com perda da nasalidade (*homeeσ*).

Finalmente, da terminação -AGĪNE(S) extraímos, ainda, o testemunho *ferrãe* (< FERRAGĪNE) (1289 M A 1, 3 v.), completamente isolado no *corpus*.

2.7. Terminação -ONA; -ONU

A nasalação da vogal anterior após a síncope de -N- intervocálico na terminação -ONA perdeu-se desde cedo, apesar de ter tido ritmos diferentes consoante os lexe-mas em causa. Seleccionámos, como exemplos representativos, as formas *peffõa(s)*, *Lixbõa* e *bõa*:

	1291-1399	1291-1453	1291-1527
<i>peffõa(s)</i>	25%		
<i>Lixbõa</i>		45%	
<i>bõa(s)</i> ²¹			50%

Tabela nº 4 – Frequência, por épocas, das variantes com nasalação da vogal, transmitida pela síncope de -N-

A análise da tabela poderá sugerir que a perda da nasalidade da vogal foi mais célere em contextos em que essa vogal vem precedida de consoante fricativa alveolar ou palatal, tendo constituído um processo mais lento quando precedida de oclusiva bilabial. Assim, a forma *peffoa* (sem nasalidade) regista-se pela primeira vez em 1321, não ultrapassando a variante antiga o último ano do século XIV²²; a forma toponímica *Lixboa* só aparecerá pela primeira vez em 1402, extinguindo-se a antiga variante num texto de 1453, e a forma *boa* surge já em 1307, convivendo ao lado de *bõas* até 1527.

Quanto às formas do masculino, representantes de étimos latinos terminados em -ONU, não encontrámos documentadas, ao longo dos séculos XIII e XIV, grafias reveladoras da crase, ao contrário do que evidenciam os documentos da coleção HGP. Num documento tardio, registou-se a variação *boom* ~ *bõo* (1471 MA 119),

²¹ Esta forma aparece em documentos de 1495, 1500 e 1502 (do mesmo tabelião) na variante gráfica *bõaas*.

²² Esta constatação obriga, por isso, a repensar a afirmação de E W. Williams relativamente ao desaparecimento da ressonância nasal: “If a final contracted nasal vowel, a nasal diphthong, or a consonantal nasal of some kind did not develop, the nasal resonance disappeared in the course of the fifteenth century [...]” (Williams 1962: 73, § 78, 7).

mas a grafia de tipo atual apenas surge em 1522: *bom* (1522 MA 144, 2 v.). A perda da nasalidade na terminação do masculino, solução que ainda hoje se conserva na linguagem popular portuguesa e em galego, aparece documentada desde finais do século XIII, mas acentua-se apenas na segunda e terceira décadas do século XV, sobrevivendo até ao terceiro quartel desse século. Apresentam-se a seguir as abonações registadas: *boo* (1422 MA 82; 1426 MA 85; 1429 MA 88, 2 v.; 1433 Ped 90, 2 v.; 1465 MA 116), *boos* (1291 Alc 2; 1402 Ped 68; 1460 MA 112, 2 v.) e *booo* (1467 Mai 117)²³. Na tabela seguinte, apresenta-se a frequência das diferentes variantes representantes de BÖNU- latino:

BÖNU-	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
<i>boos</i>	1		11	
<i>bõo(s)</i>		27	28	2
<i>bóó(s)</i>		2		
<i>bõó(s)</i> ²⁴			3	
<i>boom</i>			1	4
<i>bom</i>				11

Tabela nº 5 – Número de ocorrências das diversas variantes representantes de BÖNU-/BÖNOS

2.8. Terminação -UNU; -UNA

Estas terminações aparecem nas formas de artigo ou de pronome indefinido e em algumas formas compostas deste último. As variantes generalizadas são aquelas em que a nasalidade da vogal que antecedia -N- etimológico é representada por til.

No que diz respeito às formas do masculino, as primeiras manifestações de crase das duas vogais em hiato registam-se num documento de 1291, mas só voltam a emergir em dois documentos, de 1396 e 1402, ambos redigidos na Pederneira, pelo mesmo tabelião. Os reflexos da grafia relativamente ao que já se ouviria na língua oral parecem, portanto, ter a sua origem em meios periféricos ao mosteiro. Neste, como em outros aspetos já abordados, o menor distanciamento entre língua oral e língua escrita, é, na nossa opinião, um processo psicológico que envolve um menor grau de abstração e constitui uma das mais importantes vertentes da cultura escrita dos tabeliões oriundos dos coutos. Apresentam-se a seguir os exemplos extraídos, revelando a crase das vogais: *algũ* (1527 MA 146), *algum* (1456 MA 109, 3 v.), *algũm* (1490 MA 131; 1495 MA 134), *dhũs* (1438 Ped 95), *hũ* (1291 Alc 2, 3 v.; 1402 Ped

²³ Neste último documento, redigido em Maiorga, a variante *bõoo* ocorre oito vezes.

²⁴ Formas deste tipo parecem evidenciar que a função dos dois ápex sobre as vogais era a de representar o hiato e não a de assinalar a nasalidade (tendo em conta que o til também se encontra aqui sobreposto à primeira vogal).

68; 1434 SC 91, 3 v.; 1437 Ped 94, 3 v.; 1442 MA 98, 2 v.; 1448 Alj 103, 3 v.; 1455 MA 108, 2 v.; 1456 MA 109; 1502 MA 137; 1515 SM 141, 4 v.; 1521 Ped 143, 2 v.; 1522 MA 144, 2 v.; 1526 Ped 145, 2 v.; 1527 MA 146, 13 v.; 1528 MA 147, 7 v.; 1529 MA 148; 1532 Tur 149, 2 v.; 1541 Sal 152, 8 v.; 1565 Alc 153, 7 v.), *hum* (1500 MA 136), *hũm* (1442 MA 98; 1489 MA 130, 5 v.; 1490 MA 131, 2 v.; 1500 MA 136, 7 v.; 1502 MA 137, 3 v.; 1505 MA 138, 4 v.; 1507 MA 139), *hūs* (1455 MA 108; 1528 MA 147, 2 v.; 1536 SC 150), *nẽ hũ* (1442 MA 98; 1532 Tur 149), *nẽ hūs* (1519 MA 142), *nẽgũns*²⁵ (1462 Alj 115), *nẽhũ* (1291 Alc 2; 1396 Ped 62), *nehũ* (1469 Cel 118), *nenhūs* (1541 Sal 152) e *nhũm* (1490 MA 131).

A percentagem de ocorrência dos exemplos com crase, de acordo com as tendências epocais, é a seguinte:

Cronologias	Crase (%)
1291 (1291 Alc 2)	80
1396-1429	1,6
1430-1475	13
1476-1499	15
1500-1565	73

Tabela nº 6 – Frequência das formas com crase das vogais, após a síncope de -N- em -UNU; -UNA

Uma análise atenta desta tabela conduz a uma hipótese sedutora relativamente à cronologia da resolução dos hiatos vocálicos. De facto, se a percentagem de ocorrência dos exemplos de crase é, num texto de finais do século XIII, semelhante (ou superior) à frequência desses exemplos nos documentos quinhentistas, é muito provável que já nos tempos mais remotos a crase seria uma realidade da língua oral.

Formas com hiato e com o diacrítico semelhante a duas vírgulas sobre as vogais também se encontram, apesar de esporadicamente, nesta coleção de documentos, mas não sobrevivem para além de meados do século XIV: *húú* (1289 MA 1, 2 v.; 1315 Alj 15; 1350 AM 36). Em documentos de inícios do século XV, sob a mão do mesmo tabelião, surge a forma mista (com til e diacrítico) *hũú* (1412 Ped 74, 2 v.; 1415 Ped 77, 6 v.), mas constitui certamente uma tendência idiossincrática.

Por outro lado, ao longo do período abrangido por este estudo, afloram igualmente formas sem qualquer registo gráfico da nasalidade. Ao contrário da cronologia desta solução em *HGP*, onde todos os exemplos se registam no século XIII (Maia 1997²: 615), tais formas sobrevivem, nestes documentos, até ao século XVI: *alguu* (1351 Alv 37), *hus* (1522 MA 144) e *huu* (1326 MA 19; 1429 MA 88; 1433 Ped 90, 3 v.).

²⁵ Esta solução, que caracteriza o galego e que já se documenta nas *Cantigas de Santa Maria* (Mañó Paz 2002: 106), encontra-se isolada e é tardia na região portuguesa que nos ocupa.

Aliás, ainda nesta altura conviviam nos textos (já não refletindo a oralidade) os diferentes tipos de soluções apresentadas, a avaliar pelo documento 1522 MA 144, que exhibe *hũ* (2 v.), *hũu* (3 v.), *hus* e (no feminino) *huas*. Relativamente ao feminino, formas com geminação não etimológica da vogal da sílaba tónica são frequentes a partir de 1435, acentuando-se particularmente na segunda metade do século XV. Apresentam-se a seguir os exemplos extraídos do nosso *corpus*: *alguũa* (1465 MA 116), *allguũa* (1472 TC 120), *hũua* (1452 MA 106), *huũa* (1435 Alj 92; 1452 MA 106; 1465 MA 116, 4 v.; 1472 TC 120; 1482 MA 125, 6 v.; 1526 Ped 145), *nẽhuũa* (1482 MA 125), *nenhuũa* (1477 MA 121), *nhuũa* (1440 MA 96, 2 v.; 1443 Alf 99; 1465 MA 116; 1472 TC 120), etc. Segundo a Autora de *HGP*, esta constatação prova que o hiato já não existia na língua falada (1997²: 613). Ao longo de todo o período abrangido pelo presente estudo, surgem algumas formas em que falta qualquer sinal de nasalidade, à semelhança do que acontece com as suas correspondentes do masculino²⁶. Esse tipo de solução ainda persiste, aliás, no documento de 1565: *algua* (1351 Alv 37; 1452 MA 106), *allguaσ* (1477 MA 121; 1487 PP 129, 2 v.), *hua* (1350 AM 36; 1565 Alc 153) e *huas* (1522 MA 144, 2 v.; 1527 MA 146).

2.9. Terminação -ENA; -ENU

Excetuando a forma *pena*, as formas encontradas ao longo do nosso *corpus* revelam, de modo generalizado, as duas vogais em hiato. São as seguintes: *balea* (1352 Ped 38, 3 v.; 1515 SM 141, 6 v.), *baleas* (1352 Ped 38), *ballea* (1352 Ped 38, 5 v.), *cãdeas* (1526 Ped 145), *Centeo* (1397 MA 64, 2 v.) e *Collmeas* (1472 TC 120)²⁷.

Quanto ao desenvolvimento histórico de PENA, o *corpus* analisado apresenta as seguintes variantes cronologicamente anteriores às de tipo atual: *pẽa*, *pea*, *peãs*, *pẽna* e *pe[n]na*. A tabela seguinte mostra como, cerca de final do terceiro quartel do século XIV, começa a aparecer em variação *pea* e *pena* (onde não se registou a síncope de -N-), e como na oitava década do mesmo século aquela variante (assim como a nasalidade sobre uma ou outra das vogais) se extingue irreversivelmente, a favor

²⁶ O facto de em alguns documentos se registar o mesmo tipo de variante no masculino prova que deverá tratar-se de formas reais vivas da língua da época. Veja-se, por exemplo, o doc. 1351 Alv 37, onde se regista *alguu* e *algua*; ou ainda o doc. 1522 MA 144, que contém *hus* e *huas*.

²⁷ A primeira forma com desenvolvimento de semivogal em *HGP* é *çenteyo*, datando de 1500. Baseada no que a esse propósito afirma José Leite de Vasconcelos, a Autora de *HGP* informa que no *Cancioneiro Geral* “aparecem ainda habitualmente as grafias -ea, -eo, mas há já algumas formas com semivogal anti-hiática” (1997²: 595, nota 3). Num *corpus* algarvio, as “Actas das Vereações de Loulé”, Cardeira e Fernandes encontram, todavia, a forma única “<alheio>”. Tendo em conta que se trata de uma forma entrelinhada, poderá constituir um acrescento posterior feito por outra mão, em data distanciada (1999: 59).

de *pena*, que revela uma evolução de tipo culto ou erudito, muito provavelmente por empréstimo do castelhano (Williams 1962²: §78, 7.B).

Documentos	Formas
1329 Evo 22	<i>pea</i> ~ <i>pěa</i>
1345 MA 33	<i>peãs</i>
1350 AM 36	<i>peas</i> , 2 v.
1356 MA 41	<i>pea</i> , <i>peãs</i>
1359 MA 42	<i>peãs</i>
1362 MA 43	<i>pea</i> , <i>peãs</i>
1362 MA 44	<i>pěas</i>
1363 MA 45	<i>pěa</i> ~ <i>peãs</i>
1372 MA 47	<i>pena</i> (2 v.) ~ <i>peas</i>
1375 MA 48	<i>penas</i>
1377 Alv 50	<i>pena</i>
1380 Alv 52	<i>pěa</i> ~ <i>pena</i>
1383 Alj 53	<i>pena</i> (3 v.); <i>penas</i>
1386 MA 55	<i>pea</i>
A partir de 1386	<i>pena(s)</i> ; <i>pěna(s)</i> ; <i>pe[n]na(s)</i> ²⁸

Tabela nº 7 – Cronologia das variantes representantes de PĒNA

Um processo pouco habitual de resolver o hiato criado com a síncope de nasal na terminação -ENA encontra-se na forma toponímica *Lejrja* (1428 Alj 86), cuja vogal tónica *e*, após a perda da nasalidade, se transformou em *j*. Trata-se, contudo, de uma ocorrência isolada ao longo do *corpus*, mas que prova que esta solução era já conhecida no segundo quartel do século XV. Apresentam-se a seguir as restantes formas documentadas: *Leirea* (1388 MA 57, 3 v.), *Leirea* (1422 MA 82; 1451 MA 105; 1482 MA 125, 2 v.), *Leyrěa* (1289 MA 1; 1307 Alp 13) e *Leyrea* (1415 Ped 77).

2.10. Terminação -ENE, -ENES

Referimo-nos aqui, essencialmente, a formas que representam o étimo BĒNE, a cuja terminação corresponde normalmente uma vogal nasal. Diz-nos a Autora de *HGP* que “nem no período mais antigo surgem grafias com hiato, o que parece permitir concluir que a evolução se processou através da perda de *e* e posterior trans-

²⁸ Esporadicamente, a forma aparece com a grafia *nh*: *penha* (1392 MA 60 e 1469 Cel 118). A questão reside em saber se *nh* representa a nasal palatal /ɲ/ ou se se trata de um outro processo de representar a nasal alveolar. Cremos que é mais convincente a primeira hipótese, uma vez que o fonema palatal também se desenvolveu em formas onde se verificou a síncope de -N-, como solução anti-hiática (referimo-nos às formas do verbo *ordinhar*, por exemplo, que só tardiamente dá lugar, no nosso *corpus*, a *ordenar*).

formação de *n*, tornado final, em nasalidade da vogal anterior” (1997²: 596). O nosso *corpus* apresenta, contudo, um exemplo esporádico revelando o hiato vocálico, mas o seu carácter excepcional não justifica uma proposta alternativa, uma vez que poderá tratar-se de grafias ultra-corretas: *bēe* (1366 MA 46)²⁹. Relativamente às formas que representam o plural de BĚNE, a solução generalizada é aquela que evidencia o hiato e a nasalidade sobre a primeira das vogais (*bēes*).

Afigura-se-nos igualmente pertinente salientar que houve no período medieval uma necessidade por parte de alguns tabeliães de sobrepor um diacrítico semelhante a uma vírgula em cada uma das duas vogais em hiato. O último documento a manifestar esse hábito data de 1429, o que significa que, ao entrar na terceira década do século XV, esse sinal paleográfico caíra em desuso, acompanhando, na nossa opinião, a tendência linguística para a redução do hiato³⁰. As formas registadas encontram-se nos seguintes documentos: *béés* (1305 Alp 11; 1307 Alp 13; 1337 Alc 27, 2 v.; 1343 AM 31; 1356 MA 41; 1359 MA 42; 1362 MA 43; 1392 MA 60; 1402 MA 67; 1413 MA 75; 1414 Alv 76; 1416 MA 78, 2 v.; 1422 MA 81; 1422 MA 82; 1423 MA 83; 1428 MA 87; 1429 MA 88) e *bééf* (1315 Alj 15, 2 v.; 1412 Ped 74). Há, por outro lado, algumas formas esporádicas que apresentam, para além desses signos diacríticos, o til de nasalidade: *běés* (1317 Alc 16; 1403 MA 69, 2 v.; 1405 MA 70; 1412 Ped 74, 4 v.).

São, igualmente, muito frequentes formas com hiato, mas sem qualquer indicação de nasalidade. A sua vitalidade, ao longo do período abrangido por este estudo, autoriza-nos a defender a hipótese de se tratar de formas reais vivas da época: *bees* (1305 Alp 11; 1324 Alc 18; 1380 Alv 52; 1383 Alj 53, 2 v.; 1399 MA 65; 1416 MA 78; 1422 MA 81, 3 v.; 1422 MA 82, 2 v.; 1423 MA 83; 1425 MA 84; 1428 MA 87, 2 v.; 1429 MA 88, 6 v.; 1433 Ped 90; 1434 SC 91; 1450 Alv 104; 1453 MA 107; 1465 MA 116, 3 v.; 1500 MA 136; 1527 MA 146, etc.), *bees* (1478 MA 122; 1479 MA 124; 1484 MA, 126), etc.

Numerosos documentos exibem duas ou três soluções diferentes, o que prova a variação idiográfica (ou mesmo idioletal) existente nestas formas. Por outro lado, variantes gráficas com *n* depois da segunda vogal do hiato ou em que o til de nasalidade surge na segunda vogal demonstram, segundo Clarinda Maia (1997²: 597), que o hiato tinha começado a reduzir-se a uma vogal simples por crase das duas vogais.

²⁹ Embora com outra proveniência, revelam o mesmo tipo de hiato as formas *cōvēe* (1366 MA 46) e *uēe* (1448 Alj 103).

³⁰ Maia justifica em nota o facto de não incluir no grupo de “formas com hiato, mas sem qualquer indicação de nasalidade” as formas em que sobre as duas vogais aparece um signo gráfico semelhante a duas vírgulas, por não ser exatamente conhecido o seu valor (1997²: 597 e nota 4).

A primeira ocorrência encontrada revelando tal solução data de 1409, mas só a partir da segunda metade do século XV os exemplos se tornam mais numerosos. Na tabela seguinte, apresentam-se os aspetos mais interessantes desse polimorfismo, eventualmente correspondente a uma variação idioletal, sendo que na coluna da esquerda se encontram os documentos que apresentam mais do que uma variante em formas com hiato, e na da direita as que revelam a resolução do hiato por crase das duas vogais, ainda que em certos casos convivendo com as formas mais antigas. A crase aparece em 40% dos documentos posteriores àquela data, mas apenas em 19% (maioritariamente situados no século XVI) ela constitui uma solução única.

Representação do hiato		Formas com hiato ~ Formas sem hiato	
Documentos	Formas	Documentos	Formas
1305 Alp 11	<i>béés ~ bees</i>	1409 MA 72	<i>bēes ~ bens</i>
1324 Alc 18	<i>bees ~ bēes</i>	1414 Alv 76	<i>béés ~ beēs</i>
1399 MA 65	<i>bees ~ bēes</i> (8 v.)	1434 SC 91	<i>bees ~ beēs</i>
1405 MA 70	<i>bēes</i> (5 v.) ~ <i>bēés</i>	1451 MA 105	<i>beens</i> (3 v.) ~ <i>bēns</i>
1412 Ped 74	<i>bēés</i> , 4 v. ~ <i>bééf</i>	1459 MA 110	<i>bēeσ ~ beēσ</i>
1413 MA 75	<i>bēes</i> (3 v.) ~ <i>béés</i>	1460 MA 113	<i>bens</i>
1416 MA 78	<i>bees ~ béés</i> , 2 v.	1478 MA 123	<i>bēeσ</i> (3 v.) ~ <i>beēσ</i> (2 v.)
1422 MA 81	<i>bēes ~ bees</i> (3 v.) ~ <i>béés</i>	1479 MA 124	<i>bēeσ</i> (2 v.) ~ <i>beeσ ~ beēσ</i> (11 v.)
1422 MA 82	<i>bees</i> (2 v.) ~ <i>béés</i>	1482 MA 125	<i>bēes ~ beēs</i> (2 v.)
1423 MA 83	<i>bees ~ béés</i>	1484 MA 126	<i>beeσ ~ beēσ</i> (2 v.)
1428 MA 87	<i>bees</i> (2 v.) ~ <i>béés</i>	1485 MA 128	<i>beēσ</i> (5 v.)
1429 MA 88	<i>béés ~ bees</i> (6 v.)	1505 MA 138	<i>bēeσ</i> (2 v.) ~ <i>beēσ</i>
1433 Ped 90	<i>bees ~ bēes</i> (2 v.)	1507 MA 139	<i>beēs</i> (2 v.)
1453 MA 107	<i>bēes</i> (9 v.) ~ <i>bees</i>	1509 Ped 140	<i>bēs</i>
1478 MA 122	<i>bēeσ</i> (2 v.) ~ <i>bees</i>	1521 Ped 143	<i>bēs</i> (2 v.)
1500 MA 136	<i>bēeσ</i> (3 v.) ~ <i>bees</i>	1522 MA 144	<i>beēσ</i> (2 v.)
		1527 MA 146	<i>beēs ~ bees</i>
		1528 MA 147	<i>beēσ</i> (2 v.)
		1532 Tur 149	<i>bēns</i>

Tabela nº 8 – Polimorfismo das variantes historicamente representantes de BĒNES

2.11. Terminações -INU; -INA³¹

Atentemos nos dados da tabela seguinte:

		-INU, -INA com <i>i</i> tónico	
Síncope de <i>n</i> e formação do hiato		Desenvolvimento de /ɲ/ anti-hiático	
1291 Alc 3	<i>uïho</i> , 2 v.	1304 Alc 10	<i>moynhos</i> , 2 v.; <i>moynho</i>
1297 Alc 5	<i>camïo</i>	1315 Alj 15	<i>vezinhos</i>
1300 Alj 8	<i>meyrïo</i>	1321 Alc 17	<i>caminho</i> ; <i>vinho</i> ; <i>vezinho</i> ; <i>moynhos</i>
1305 Alp 11	<i>uezhïa</i>	1324 Alc 18	<i>Martinho</i> ; <i>linho</i>
1306 Cós 12	<i>vezïo</i> ; <i>vezïos</i>	1328 Alj 21	<i>fobrinho</i>
1315 Alj 15	<i>camïo</i>	1329 Evo 22	<i>vezinho</i> ; <i>meyr[i]nho</i> , 2 v.
1321 Alc 17	<i>veziho</i>	1334 Alf 25	<i>fobrinho</i>
1324 Alc 18	<i>vïo</i>	1337 Alc 27	<i>Marinha</i>
1328 Alv 20	<i>Aluorniha</i> , 4 v.	1342 Alf 30	<i>moinhos</i>
1332 Alc 24	<i>vïo</i>	1353 Vid 39	<i>manyinhos</i> , 2 v.
1336 Alj 26	<i>camÿho</i>	1355 Cel 40	<i>p[er]gamjnho</i> ; <i>vinho</i> (2 v.); <i>vynho</i>
1338 Alv 28	<i>Aluorniha</i> , 5 v.; <i>viho</i> , 2 v.	1356 MA 41	<i>caminho</i> ; <i>vinho</i>
		1359 MA 42	<i>caminho</i> , 5 v.; <i>moynho</i> , 2 v.; <i>vinho</i>
1343 AM 31	<i>viho</i> , 2 v.; <i>vihos</i>	1362 MA 44	<i>caminho</i> , 2 v.; <i>vinho</i> , 2 v.
1345 MA 33	<i>Mariha</i>	1372 MA 47	<i>uezinho</i> , 3 v.
1346 SC 34	<i>Mariho</i> , 2 v.	1375 MA 48	<i>Martinho</i> ; <i>uinho</i> , 3 v.
1351 Alv 37	<i>Aluornha</i> , 3 v.	1377 Alv 50	<i>vuÿnho</i> , 3 v.; <i>Aluornynha</i> ; <i>Johãnjho</i>
1388 MA 58	<i>camiho</i>	1380 Alv 52	<i>moynho</i> ; <i>vuÿnho</i> (2 v.); <i>galynhas</i> ; <i>lynhos</i> ; etc.
		1383 Alj 53	<i>rraynha</i> , 2 v.; <i>pulgamjnho</i> ; <i>vjnho</i>
		1386 MA 55	<i>galinhas</i>
		1388 MA 57	<i>uezinha</i>
		1388 MA 58	<i>vinho</i> , 2 v.
		-INA com <i>i</i> átono	
Síncope de <i>n</i> e formação do hiato		Desenvolvimento de /ɲ/ anti-hiático	
1298 Alc 6	<i>ordïamêto</i>	1291 Alc 3	<i>ordinhamos</i>
1307 Alp 13	<i>ordïança</i>	1328 Alj 21	<i>ordinhamos</i>
1336 Alj 26	<i>meyrihado</i>	1379 Alc 51	<i>hordjnhamos</i> ; <i>ordjnhayro</i> , <i>ordinhayros</i>

Tabela nº 9 – Cronologia do desenvolvimento de /ɲ/ anti-hiático em formas historicamente representantes de -INU, -INA

A conclusão mais importante a que a sua análise conduz diz respeito à cronologia do desenvolvimento da consoante nasal palatal entre as duas vogais em hiato, que se verifica desde os últimos anos do século XIII. Nesta coleção documental, verificam-se formas com /ɲ/ anteriores a 1315, data do mais antigo texto português de *HGP* revelando tal solução. Encontram-se nessa situação o documento 1291

³¹ A variabilidade grafémica da eventual nasal palatal é bastante maior nos textos galegos do que nos portugueses. Veja-se, a esse propósito, Mariño Paz (2002: 108) (Tabelas 15 e 16). Incluímos o segmento -INA- em interior de palavra, como acontece nas formas do verbo *ORDINARE*, cujo tratamento foi semelhante.

Alc 3, exibindo pelo menos uma forma, com *i* átono (*ordinhamos*), e o documento 1304 Alc 10, onde se registam *moynhos* (2 v.) e *moynho* (com segmento -INU- tónico). Além disso, até cerca de meados do século XIV rivalizam com formas de tipo moderno grafias do tipo *-ĩa*, *-iõ*, *-iño*, *-iña*, *-yño* e *-ha*, que, a avaliar pelo escopo cronológico em que se situam, parecem não oferecer dúvidas quanto ao valor de *ñ* como forma de representar o hiato³² ou como semivogal. De facto, se o sinal sobre o *h* correspondesse à abreviatura de *n* (<nh>) seria eventualmente expectável que esse tipo de abreviatura tivesse permanecido, com maior ou menor intensidade, nos textos após os meados do século XIV, o que não acontece. No conjunto, até 1351, as formas que apresentam o hiato vocálico representam 70%³³, mas a partir dessa data desaparecem dos textos. Assim, para além de 1351, a única forma a revelar tal solução é *camiño*³⁴ (1388 MA 58), assinalando, assim, a extinção desse tipo de grafias nos documentos desta coleção. Esquematizando as tendências evolutivas epocais do desenvolvimento de *nh* anti-hiático, obtemos a seguinte linha³⁵:

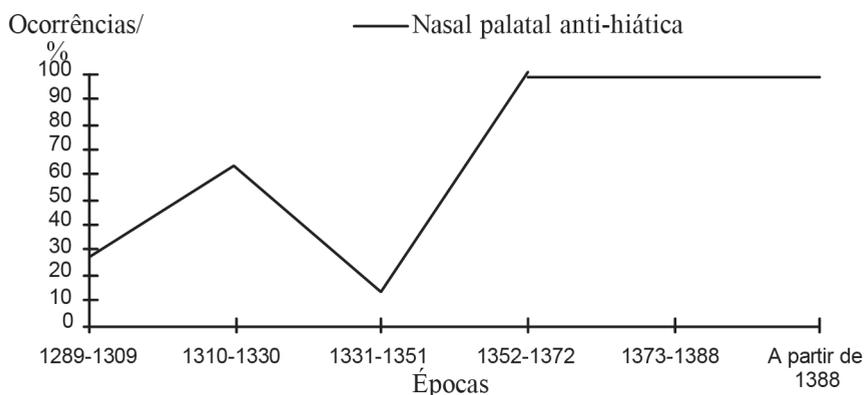


Figura nº 2 – Evolução da representação de *nh* (/ɲ/) anti-hiático

³² As formas, de outro tipo, *poñuhades* (1291 Alc 3), *termño* (1307 Alp 13) e *termños* (1315 Alj 15), onde o *ñ* deverá ter essa função, parece fundamentar esta hipótese.

³³ Os dois tipos de variantes surgem muitas vezes em textos do mesmo tabelião, como nos casos seguintes: *camño* e *vezinhos* (1315 Alj 15); *veziño* ~ *vezinho* (1321 Alc 17); *Martinho*, *linho* e *vño* (1324 Alc 18).

³⁴ Nas *Actas das Vereações de Loulé*, Cardeira e Fernandes detetaram a forma <*camyo*> num documento de 1408, onde convive com 9 ocorrências de *caminhos*. Reconhecem as Autoras que, encontrando-se entrelinhada no texto, “deve representar uma escrita descuidada, dado que a solução do hiato por epêntese de consoante nasal palatal é um fenómeno que se iniciou, segundo Cintra, ainda nos finais do século XIII” (1999: 59).

³⁵ Dividimos as épocas em períodos de 20 anos, exceto a última, que compreende apenas 15. Vejam-se algumas considerações metodológicas, na nota 4 do presente artigo.

A comparação destes dados com os que são apresentados em *HGP* permite confirmar que “o desenvolvimento da nasal palatal se consumou na Galiza mais cedo do que em Portugal”, uma vez que “grafias do tipo *-ĩa*, *-ïo* ainda se encontram em documentos portugueses de meados do século XIV (...), ao passo que, na Galiza, a única forma encontrada em data que transcende o século XIII se encontra registada num documento de princípios do século seguinte” (Maia 1997²: 600).

2.12. Hiatos decorrentes da síncope de consoantes em outros contextos

2.12.1. Síncope de N no grupo -NI -³⁶

Paralelamente às formas em que -NI- está representado pela nasal palatal, há algumas palavras em que não se realizou a palatalização, tendo-se perdido -N-, como acontece em posição intervocálica. Esse tratamento transcende, na nossa opinião, as palavras de carácter erudito ou semi-erudito, alargando-se igualmente a formas de tipo tradicional, assim como às de origem árabe³⁷. Apresentam-se a seguir: *açeýas* (< ASSENIIA) (1298 Alc 6), *almuyã* (< AL-MUNĪA) (1289 MA 1), *almuýa* (1289 MA 1), *cõpõha* (1300 Alj 8), *cõpõhamos* (1300 Alj 8), *põha* (1300 Alj 8), *eftemuýo* (1291 Alc 2), *eftrãhos* (1300 Alj 8), *Jũyo* (1297 Cós 4), *Jhũyo* (1307 Alp 13), *Mariha* (1337 Alc 27), *Sehor* (1336 Alj 26; 1338 Alv 28), *sehor* (1300 Alj 8), *teftemhũyo* (1305 Alp 11, 2 v.), *teftemõio* (1297 Cós 4), *teftomõio* (1297 Alc 5), *teftemõyo* (1298 Alc 6; 1300 Alj 8, 2 v.; 1313 Tur 14; 1332 Alc 24), *teftemoýo* (1306 Cós 12), *teftemuha* (1336 Alj 26, 2 v.), *teftemuhas* (1336 Alj 26, 2 v.; 1352 Ped 38), *teftemuho* (1326 MA 19, 3 v.; 1328 Alv 20; 1328 Alj 21; 1329 Evo 22; 1330 Tur 23; 1334 Alf 25; 1336 Alj 26,

³⁶ Também o grupo -LI- pode apresentar o mesmo tipo de tratamento, ou seja, em vez da palatalização do grupo, ocorreu a síncope de -l-, como em posição intervocálica. Registámos esse tratamento nas formas antroponímicas *Juiááo* e *Juíááo* (1328 Alv 20). Segundo Maia, “este tratamento peculiar do grupo referido explica-se pela influência erudita a que esteve sujeita a forma etimológica JULIANUS, quer como nome próprio, quer como hagiopónimo” (1997²: 626).

³⁷ Tendo em conta que formas desse tipo não se documentam em documentos posteriores a meados do século XIV, parece-nos que deverá aceitar-se a hipótese de esse tipo de resultado se ter manifestado igualmente na forma historicamente representante de UINĒA-. Assim, as formas *uia*, *uias*, *uiia* e *uiias*, que foram encontradas em *HGP* nos últimos anos do século XIII, poderão constituir “casos esporádicos em que a nasal palatal não aparece representada na grafia”, como afirma a Autora (Maia 1997²: 623), assim como L. F. Lindley Cintra (1963: 66): “Dans d’autres chartes, on trouve, pour le son [ñ], un tilde sur la voyelle précédente, tandis que *n*, tantôt suivi de *h*, tantôt seul, peut être remplacé par *h* ou supprimé: *vinha*, *vñhas* et *vñas* dans un doc. de Chelas, 1296 (...), *sẽhor* à Azambuja, 1298 (...), *uĩhas* et *uiha* Chelas (?) 1299 (...)”; mas poderão, igualmente, corresponder a formas reais vivas da linguagem da época, pois talvez fosse natural que os copistas da 2ª metade do século XIV e dos séculos XV e XVI registassem igualmente essas formas sem indicação da nasalidade, o que não acontece.

6 v.; 1338 Alv 28; 1343 AM 31; 1346 SC 34; 1346 Tur 35, 2 v.; 1350 AM 36; 1353 Vid 39; 1355 cel 40; 1386 MA 56; 1388 MA 58), *teftemũho* (1291 Alc 3; 1379 Alc 51; 1408 MA 71), *teftemuiho* (1342 Alf 30), *teftemũyas* (1305 Alp 11), *teftemũyo* (1299 Alc 7; 1305 Alp 11, 4 v.; 1307 Alp 13, 2 v.), *teftimõyo* (1315 Alj 15, 2 v.), *vãa* (1289 MA 1), *viãa* (1337 Alc 27), *viãas* (1321 Alc 17; 1338 Alv 28, 2 v.; 1343 AM 31, 2 v.), *vãas* (1332 Alc 24, 2 v.), *uãas* (1332 Alc 24) e *vihãs* (1342 Alf 30). Esporadicamente, surgem formas que não apresentam qualquer sinal de nasalidade: *teftemuyoy* (1324 Alc 18), *teftimoyas* (1315 Alj 15) e *teftimoyoy* (1315 Alj 15), devendo constituir formas reais vivas da época. O advento das formas de tipo moderno acompanha cronologicamente as variantes com síncope de *n*, como se pode verificar pelos exemplos seguintes³⁸:

Formas	1ª abonação
<i>uinha</i>	1289 MA 1
<i>fenhor</i>	1300 Alj 8
<i>Junho</i>	1304 Alc 10
<i>almunha</i>	1304 Alc 10, 2 v.
<i>teftemunho</i>	1304 Alc 10, 2 v.
<i>cõponha</i>	1306 Cós 12
<i>acênhas</i>	1321 Alc 17

Tabela nº 10 – Cronologia das primeiras variantes a evidenciar graficamente o resultado da palatalização de -NI-

Tomando como referência a forma *teftemunho* (e variantes), apresentamos, na tabela seguinte, o número de ocorrências que revelam o resultado da palatalização e das que apresentam a síncope da nasal no grupo -NI-, que desaparecem, no *corpus* em estudo, a partir de 1408³⁹:

³⁸ Trata-se de uma variação que poderá ser apenas gráfica. Se aceitarmos a hipótese de se tratar de uma verdadeira variação linguística, o convívio, no interior do mesmo texto, entre formas em que se verificou a síncope de -N- e aquelas em que -NI- se palatalizou regista-se desde a fase mais antiga: *Mariãa* ~ *Marinha* (1337 Alc 27), *fenhor* ~ *fehõr* (1300 Alj 8), *teftemuho* ~ *teftemunho*, 2 v. (1328 Alv 20), *vãa* ~ *uinha* (1289 MA 1), *vãas*, 2 v.; *uãas* ~ *uinhas*; *vinhas* (1332 Alc 24), *viãas* ~ *vinhas* (1321 Alc 17), *vihãs* ~ *vinhas*, 2 v. (1342 Alf 30), etc. Como se sabe, as mudanças linguísticas têm um carácter multissecular, alternando durante longos períodos de tempo as variantes modernas e as antigas. Um exemplo (com outra proveniência mas congénere) que confirma essa falta de linearidade temporal de uma mudança é a forma *poinha*, que surge pela primeira vez no documento 1329 Evo 22, e que volta a surgir na variante antiga *poía*, cerca de um século depois (1422 MA 81).

³⁹ Estamos, todavia, conscientes da escassa experiência/tradição de representação gráfica do galego-português e das dificuldades sentidas pelos escribas na representação dos fonemas palatais, no início da fixação gráfica nesse romance, pelo que a variação poderá ser apenas gráfica.

Documentos	Palatalização	Síncope de -N-
1289-1325	5	24
1326-1350	4	26
1351-1375	7	3
1376-1399	1	3
1400-1408	2	1

Tabela nº 11 – Número de ocorrências que apresentam palatalização vs. síncope de -N- no grupo -NI-, na forma historicamente resultante de TESTIMÔNIO- (até 1408)

Como se pode verificar, no terceiro quartel do século XIV, regista-se um acentuado decréscimo de formas revelando a síncope de -N- no grupo -NI-. A partir do século XV, apenas se documenta a forma *testemũho* (1408).

2.12.2. Encontro de duas vogais centrais em posição tónica e pretónica

Selecionámos, como exemplo deste tipo de hiato, o nome próprio *Vafco* e respetivo patronímico⁴⁰. O primeiro exemplo a revelar o resultado da fusão das duas vogais em hiato data de 1366⁴¹, como a seguir se verifica: *Vafco* (1366 MA 46); *Vaff[co]* (1397 MA 63); *Uafqo*, *Uafquez*, *Bafq[u]o* e *Bafqo* (1434 SC 91); *Vafq[u]ez* (1438 Ped 95); *Vaffco*, 3 v., *Vaffquez*, 3 v. (1450 Alv 104); *Vafquez* (1456 MA 109, 2 v.); *Vafco* (1487 PP 129); *Vafque* (1489 MA 130); *Vafq[ue]z* (1500 MA 136) e *Vafquo* (1522 MA 144, 2 v.). Convém salientar que data de 1413 a última forma que evidencia os diacríticos semelhantes a uma vírgula sobre cada uma das vogais: *Uááfquez* (1413 MA 75). Ora, a aceitar a hipótese, já apresentada anteriormente, de tal diacrítico ter como função assinalar o hiato vocálico, e ressaltando todas as reservas a que a relação língua escrita/língua oral obriga, poderá admitir-se a hipótese de que na segunda década do século XV estas vogais se tivessem fundido. Apresentamos, na tabela seguinte, a frequência das formas com crase, quer por tendências epocais, quer por documentos que apresentam mais do que uma ocorrência:

⁴⁰ Segundo Vasconcelos, “*Vaasco* está por *Valasco*, *Valascus*, sec. X (...) *Velascus* = *Velasco*, do mesmo seculo (...), com mudança de *e* em *a* por influencia do *l* (...) Á nossa forma *Velasco* corresponde outra igual em hespanhol, por exemplo: *Velasco* Almeince (...) Estas formas são de origem obscura, embora talvez ibérica” (Vasconcelos 1928: 53). Também Boullón Agrelo refere que *Velascus* é um “nome de tradición indíxena (...), formado de *bela* ‘corvo’ + suf. *-sko* (...), formador de adxectivos”, acrescentando as seguintes abonações: *Uaasco*, *Uelasci*, *Uelasco*, *Uelascus*, *Velasco*, etc. (1999: 443).

⁴¹ Não quer dizer, obviamente, que seja o exemplo mais antigo revelando a crase. Veja-se, por exemplo, a forma *uã* (1321 Alc 17, 3 v.), que surge, no nosso corpus, antes de *uaã* (1422 MA 82). Tenha-se, todavia, em conta a ambiguidade com que se tinge o relacionamento língua escrita/língua oral, particularmente em época medieval.

Épocas	%	Documentos	%
1289-1365	0	1434 SC 91	80
1366-1400	25	1450 Alv 104	100
1401-1430	0	1456 MA 109	100
1431-1450	44	1522 MA 144	100
1451-1499	50		
1500-1522	100		

Tabela nº 12 – Frequência da crase das vogais centrais (em posição tónica e pretónica) na forma *Vaaſco* (e respetivo patronímico)

2.12.3. Encontro de duas vogais centrais em posição pretónica

Nos documentos agora analisados, os primeiros exemplos que confirmam o resultado da crase destas vogais na referida posição são bastante recuados, localizando-se a primeira abonação num documento de 1392, incluída numa expressão formular, tal como a quase totalidade das restantes: “*gançados* e *por gançar*”⁴² (1392 MA 60). Seguem-se-lhe um documento de 1422, outro de 1423 e outro de 1425, ocorrendo em todos eles as duas formas da mesma expressão formular. A partir dessa data, todos os exemplos (que se estendem até ao século XVI) apresentam a gráfico pretónico resultante da crase. Vejamos as abonações registadas, de um e de outro tipos: *gããçados* (1397 MA 63; 1397 MA 64; 1399 MA 66; 1409 MA 72; 1413 MA 75), *gááçar* (1359 MA 42), *gããçar* (1397 MA 63; 1397 MA 64; 1399 MA 66; 1408 MA 71; 1409 MA 72; 1413 MA 75), *gáánçados* (1359 MA 42), *gaançados* (1408 MA 71; 1410 MA 73), *gaançar* (1410 MA 73), *gaçados* (1450 Alv 104), *gaçar* (1450 Alv 104), *gamçados* (1522 MA 144; 1527 MA 146), *gamçar* (1522 MA 144), *gançados* (1392 MA 60; 1465 MA 116; 1528 MA 147), *gançar* (1392 MA 60; 1423 MA 83; 1527 MA 146; 1528 MA 147), *guããçados* (1403 MA 69), *guããçar* (1403 MA 69), *guáánçara* (1412 Ped 74), *guãñçados* (1422 MA 82), *guãñçar* (1422 MA 82; 1425 MA 84), *guançar* (1465 MA 116), *guãñçados* (1423 MA 83) e *guãñcafe* (1425 MA 84).

A última forma a revelar os sinais diacríticos sobre as vogais (não constante da enumeração acima) é relativamente coeva da que foi apresentada para exemplificar o hiato em posição tónica: *guáánçara* (1412 Ped 74), o que parece indiciar uma cronologia idêntica, pelo menos na oralidade. Julgamos pertinente apresentar, em forma de esquema, as cronologias das formas que revelam o resultado da crase, bem como a sua frequência:

⁴² A variante *gaançar* deriva de *gaança*, do latim medieval *GANANTIA*. As abonações citadas provam que *gaançar* ultrapassa o primeiro quartel do século XVI.

Etapas cronológicas	%
1289-1391	0
1392-1428	32
1429-1528	100

Tabela nº 13 – Frequência, por épocas, da crase das vogais centrais em posição pretónica na forma *gaançar*

Analiseemos, agora, a cronologia da crase em outra forma, com distinta proveniência, igualmente incluída em expressões formulares, e com o mesmo significado⁴³: *Gaanhada*, top. (1399 MA 65), *gáánhados* (1345 MA 33; 1375 MA 48; 1386 MA 55), *gaanhados* (1386 MA 56; 1388 MA 58; 1426 MA 85), *gáánhar* (1375 MA 48), *gaanhar* (1345 MA 33; 1386 MA 55; 1386 MA 56; 1388 MA 58; 1426 MA 85), *guanhar* (1386 MA 55), *guanhar* (1416 MA 78), *ganhada* (1451 MA 105), *ganhadas* (1428 MA 87), *ganhados* (1416 MA 78), *ganhar* (1428 MA 87) e *ganhara* (1402 MA 67). Como é possível verificar, a primeira forma a evidenciar a crase das vogais data de 1416 e a última a evidenciar ainda o hiato, de 1426.

2.12.4. Encontros de duas vogais anteriores médias em posição pretónica e tónica

Em hiatos deste tipo, foi longo o percurso que mediou entre as primeiras manifestações da fusão vocálica e a sua consumação total na língua escrita. Se em 1351 um documento de Alvorninha exibia a pouca mestria “ortográfica” do seu tabelião, que não hesitou em fazer corresponder a grafia aos sons que pronunciava, ainda em 1485 um tabelião do mosteiro insistiria em ocultar a oralidade sob a capa da geminação gráfica das vogais. Apresentam-se a seguir as abonações encontradas, quando a crase resulta da fusão de uma vogal pretónica com a da sílaba tónica⁴⁴:

⁴³ A forma verbal *ganhar* deriva do cruzamento do gótico *GANAN com o germânico *WAIDANJAN. Cf. Lorenzo 1977: s. v. “gaanar”, “gãanar”, “ganar”, “gaanhar”, “guaanar”.

⁴⁴ As percentagens constantes da última coluna dizem respeito às formas que revelam a crase das vogais. Excluimos da contagem o numeral *cinquenta*, uma vez que, ao longo do *corpus* em análise, nunca apresenta as duas vogais em hiato: do lat. pop. **cinquagenta*, de QUINQUAGINTA (Nunes 1989: 211). De facto, ao longo do nosso *corpus*, nunca encontramos formas do tipo *cinquenta* ou *cinqueenta*, ao contrário da que resultou de QUADRAGINTA (lat. pop. * QUADRAGENTA, segundo Nunes: 211), por exemplo (cf. Tabela: *quareenta*, 1442 SM 97). Excluimos, igualmente, as formas com as terminações -ENE/-ENES e -INA, -INU, assim como os plurais dos nomes de lexema em -l, que estudaremos adiante.

Documentos	Formas com crase	Formas com hiato	%
1350 AM 36	<i>oitêta</i>	<i>ffeeelos; mâteer; mâtêér (2 v.)</i>	20
1351 Alv 37	<i>ffendo; mefire; oytêta</i>		100
1355 Cel 40	<i>nouêta; pertença</i>	<i>feêdo</i>	67
1377 Alv 50	<i>êpedes</i>		100
1396 Ped 62	<i>fendo</i>		100
1402 MA 67	<i>avença (2 v.); quarêta</i>	<i>ffeeendo; seendo; ffeer (2 v.); feer;</i>	38
1434 SC 91	<i>auêça, 3 v.; côuêça; serem</i>	<i>feêdo; feer, 3 v.; feerem</i>	50
1442 SM 97	<i>beftas</i>	<i>quareenta</i>	50
1448 Alj 103	<i>quarenta, 2 v.; fendo; Mêda, 2 v.; Mêd'; conuêça</i>		100
1452 MA 106	<i>Mêdo; mefmo; pertença; ffello; vendo; mâtendoo</i>	<i>ffeer, 2 v.; teer; mâteer, 2 v.; mâteerdes; ffeerdes; mâteermos</i>	50
1453 MA 107	<i>mefmo, 2 v.; quarenta; ffermos; ffello; mâtendo; mäterdes, mätermos; pertença; venffe</i>	<i>ffeer, 3 v.; mâteer; Mjgeell</i>	67
1456 MA 109	<i>ffer</i>		100
1459 MA 111	<i>pertencê; manter; terem; manterem;</i>	<i>meefmo; feerem; seendo</i>	57
1462 Mai 114	<i>fefta; pertêça</i>	<i>teer; mâteer</i>	50
1467 Mai 117	<i>avêça; fafta, 2 v.; fendo; femdo; fêdo; vêdo, 2 v.; pertêça</i>	<i>feerem; veer; teer; mâteer</i>	69
1469 Cel 118	<i>mefire, 2 v.; fefenta; pertença; pertença</i>	<i>feer; teer</i>	71
1482 MA 125	<i>oytenta, 2 v.; fefenta; fetenta; pertença; pertêçam</i>	<i>feêdo; mâteer; teer, 2 v.</i>	60
1485 MA 128	<i>Mjguell, 2 v.</i>	<i>oyteenta; seendo; veendo; teer; mâteer, 2 v.; teerê; mâteerem; ffeerem; feer</i>	17
1489 MA 130	<i>sendo; ffêdo; Mêdo; Mendez</i>	<i>manteer; mâteer</i>	67
1490 MA 131	<i>ffendo; pertêça; pertença; pertença; fcon vença; fefenta</i>	<i>teer</i>	86
1491 Alj 133	<i>fendo, 2 v.; tendes, 2 v.; fendo; mefmo</i>	<i>feer, 3 v.; teer</i>	60
1495 MA 134	<i>fêdo, 3 v.; fendo; mâtêdo; tendo</i>	<i>teer</i>	86
1500 MA 136	<i>fêdo, 2 v.; têdo</i>	<i>teer, 2 v.; teerê; ler</i>	43
1505 MA 138	<i>terê; tendo</i>	<i>teer; mâteer; ler</i>	40
1515 SM 141	<i>sendo; ter; fer, 2 v.; Myguell; Mjguell, 2 v.</i>		100
1519 MA 142	<i>fêdo, 3 v.; femdo; ter, 3 v.; mäter, 3 v.; tê; fer, 3 v.</i>		100
1522 MA 144	<i>fendo; ther, 2 v.; manter, 2 v.; terê; ver</i>		100
1526 Ped 145	<i>fer, 2 v.</i>		100
1527 MA 146	<i>mefire; terem; ther; manter; terê; manterê; fer, 2 v.; Migel</i>		100
1528 MA 147	<i>mefire; fendo; terê, 3 v.; manterê, 2 v.; pertença; ver; sesenta; ter</i>		100
1529 MA 148	<i>semdo; ser; ter; mäter; terê</i>	<i>veer; teer</i>	71
1532 Tur 149	<i>ter; mesma; pertêças; pertêça; ser, 2 v.</i>		100
1536 SC 150	<i>pertença; ter; mamter; pertença; Bemto; ffer, 2 v.</i>		100
1541 Sal 152	<i>quoremta; mefire; semdo; mefree</i>		100
1565 Alc 153	<i>sesemta, 2 v.; sesêta; sêdo, 2 v.; semdome, 2 v.; semdo; selo; ojtêta; ser, 3 v.; ver; ter</i>		100

Tabela nº 14 – Cronologia da crase de *ee* em posição pretónica e tónica

Para além da crase, um outro processo de resolver este tipo de hiatos é o fechamento da primeira vogal, quando átona, que se regista a partir de meados do século XV. Nos exemplos seguintes, apresentam-se as abonações registadas com hiato vocálico, bem como apresentando a sua resolução: *paredeeiros* (1386 MA 56), *paredéiros* (1386 MA 56), *paredeeyros* (1386 MA 56), *pardyeiro* (1448 Alj 103), *pardieyro* (1453 MA 107) e *pardieiros* (1528 MA 147, 5 v.).

2.12.5. *Encontros de duas vogais anteriores médias em posição átona pretónica*

Quando em sílaba átona pretónica⁴⁵, as grafias deixam entrever uma maior celeridade evolutiva. Vejamos os exemplos encontrados:

Documentos	Formas com crase	Formas com hiato	%
1351 Alv 37	<i>pertecia</i>		100
1396 Ped 62	<i>avençaaes</i>	<i>geeral; jeeraaes</i>	33
1422 MA 82	<i>fera</i> (2 v.)	<i>geeral</i>	67
1434 SC 91	<i>gerall</i>		100
1437 Ped 94	<i>pertençefe; geral</i>		100
1452 MA 106	<i>affelada</i>		100
1453 MA 107	<i>geral; affelada; pertençer; fregujffya</i>		100
1459 MA 111	<i>pertençer; ferom</i>		100
1482 MA 125		<i>geeral</i>	0
1485 MA 128	<i>perteçera; perterçia</i>	<i>jeerall; meetade, 2 v.; perteeçer</i>	33
1489 MA 130	<i>fferã</i>		100
1490 MA 131	<i>pertençia; jerall</i>		100
1491 Alj 133	<i>pertençja; pertencjãm</i>		100
1495 MA 134	<i>jerall</i>		100
1505 MA 138	<i>pertençya</i>		100
1515 SM 141	<i>pertençer, 2 v.; pertença; pertemçer</i>		100
1527 MA 146	<i>corentena</i>		100
1529 MA 148	<i>sera</i>		100
1536 SC 150	<i>affelada; afellada</i>		100
1541 Sal 152	<i>jerall</i>		100
1565 Alc 153	<i>pertêçer</i>		100

Tabela nº 15 – Cronologia da crase de *ee* em sílaba pretónica

2.12.6. *Encontros de duas vogais anteriores médias em posição tónica e postónica*

Os encontros que demoraram mais tempo a solucionar-se parecem ter sido, pelo menos a avaliar pelas grafias (que não são, como se sabe, um reflexo fiel da

⁴⁵ Em hiatos deste tipo, as últimas formas a evidenciar os sinais diacríticos sobre as vogais datam de 1430 (*pertéecja* e *géeral*).

oralidade), aqueles cujas vogais se encontram em sílaba tónica e postónica. De facto, embora o primeiro registo de crase em formas deste tipo se encontre num documento de finais do século XIV, a partir de meados do século seguinte a forma generalizada é a mais antiga, eventualmente como tentativa de evitar que as palavras se tornassem oxítonas. Observemos os dados da tabela seguinte:

Documentos	Formas com crase	Formas com hiato, eventualmente gráfico	%
1388 MA 57	<i>merces</i>		100
1402 MA 67		<i>mercee; merçee (3 v.); merçees (2 v.)</i>	0
1436 Alf 93	<i>meerçe</i>	<i>merçee</i>	50
1437 Ped 94	<i>merçe</i>		100
1448 Alj 103		<i>rree (5 v.)</i>	0
1452 MA 106		<i>merçee, 2 v</i>	0
1453 MA 107		<i>merçee</i>	0
1456 MA 109		<i>merçee</i>	0
1482 MA 125		<i>merçee</i>	0
1495 MA 134		<i>merçee</i>	0
1505 MA 138		<i>merçee</i>	0
1515 SM 141		<i>ffee, 2 v.</i>	0
1519 MA 142	<i>fe</i>		100
1526 Ped 145	<i>ffe, 2 v.</i>		100
1527 MA 146		<i>ffee</i>	0
1529 MA 148		<i>pee</i>	0
1541 Sal 152	<i>pe, 2 v.</i>	<i>pee</i>	67
1565 Alc 153		<i>pee</i>	0

Tabela nº 16 – Cronologia da crase de *ee* em sílaba tónica e postónica

2.12.7. Encontros de duas vogais anteriores fechadas em posição pretónica e tónica⁴⁶

Trata-se de vogais que muito cedo conheceram a fusão, quando postas em contacto. Seleccionámos as unidades lexicais (com variantes gráficas) *vinte*, *trinta* e *trigo*, em virtude de serem as mais recorrentes ao longo do *corpus*:

⁴⁶ Quando em sílaba átona, o processo parece ter sido mais lento, pelo menos na grafia. Uma das formas mais representativas é *cõsijrando*, mas figura nas fórmulas jurídicas, pelo que algumas reservas devem ser colocadas no processo de inferência das mudanças então em curso. A primeira forma registada a revelar a crase data apenas de 1399: *confyrando* (1399 MA 65), seguindo-se-lhe *cõsifirando* (1422 MA 81), *comfyrando* (1448 Alj 103) e *confirando* (1472 TC 120). Apesar disso, a variante *cõsijrando* ainda se regista num documento de 1485, exemplificando, assim, a inércia motivada pelo pendor “normativo” dos formulários diplomáticos.

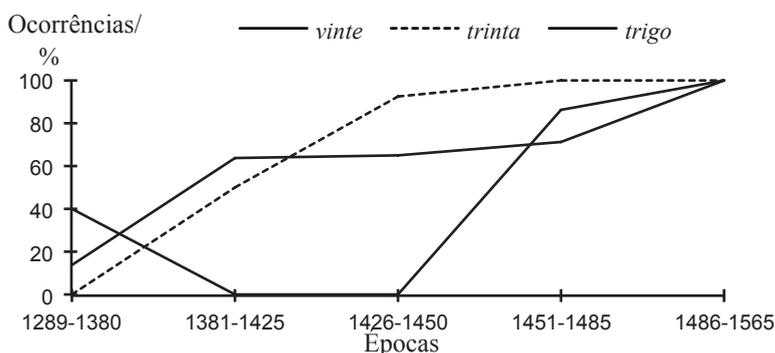


Figura nº 3 – Evolução do processo de eliminação dos hiatos entre duas vogais anteriores fechadas (em posição pretónica e tónica)

As linhas apresentadas (com diferenças de ritmos consoante o fonema consonântico que precede as vogais) apontam para uma tendência comum: é a partir do 2º quartel do século XV que se verificam as mudanças que tornam as unidades lexicais dissilábicas, devido à fusão das duas vogais idênticas.

Outro tipo de formas que se revelam interessantes mas que nos obrigam a contemplar as complexas vicissitudes da relação língua escrita/língua oral são as que resultam historicamente de (AD)UENIRE. Nesta coleção documental, ao longo do século XIV (sobretudo durante a primeira metade), estas formas verbais apresentam, normalmente, uma plica sobre cada uma das vogais em hiato: *auíjr* (1328 Alj 21), *avíjá* (1350 AM 36), *uíjr* (1291 Alc 2; 1291 Alc 3; 1304 Alc 10), *uijr* (1305 Alp 11), *uíjrẽ* (1289 MA 1) e *víjr* (1391 MA 59). A ressonância nasal (de uma ou das duas vogais) documenta-se pela primeira vez no segundo quartel desse século, num documento escrito por um tabelião “d’El Rey” em Aljubarrota, que usa três vezes a mesma variante, sem hesitação gráfica: *vĩjr* (1336 Alj 26, 3 v.). Este traço da nasalidade (decorrente da síncope de -N-) parece ter-se difundido no mosteiro nas últimas décadas do mesmo século: *víjnr* (1388 MA 57) e *uíjr* (1399 MA 65) são duas variantes do mesmo tabelião (“do mosteiro de Alcobaça e seu couto, pelo Senhor Dom Abade”). Depois desta data, os nossos textos só voltam a apresentar abonações na segunda metade do século XV, pelo que não nos é possível quantificar a variação durante a primeira metade do mesmo. Data de 1451 a primeira forma que apresenta a fusão vocálica, por vezes (e em formas tardias) com a nasalidade representada por *n* em posição posvocálica, como mostram alguns exemplos⁴⁷: *vĩr* (1515 SM 141,

⁴⁷ Alguns documentos situados no período compreendido entre 1478 e 1490 registam, todavia, as variantes com hiato, que deve ser apenas gráfico, não obstante a existência dos signos diacríticos

3 v.), *vinr* (1451 MA 105, 2 v.), *vinra* (1453 MA 107), *vinrem* (1478 MA 122), *vymra* (1467 Mai 117), *vymraa* (1529 MA 148), *vynra* (1495 MA 134; 1505 MA 138), *vyr* (1462 Alj 115) e *vyra* (1491 Alj 133).

2.12.8. Encontros de duas vogais posteriores médias em posição átona (pretónica e postónica) e em formas tornadas monossilábicas

Analisaremos, nesta tipologia, as formas mais representativas nos documentos desta coleção: *vontade* (< UOLŪNTATEM) e *cabido* (< CAPĪTŪLUM), a primeira evidenciando as vogais em posição pretónica, a segunda, em sílaba postónica. São as seguintes as formas que revelam o hiato vocálico: *uóóntade* (1291 Alc 3; 1304 Alc 10), *uoontade* (1321 Alc 17), *uoōtade* (1300 Alj 8; 1305 Alp 11; 1332 Alc 24), *uoōtades* (1391 MA 59), *voōtade* (1306 Cós 12; 1326 MA 19; 1385 MA 54) e *voontades* (1471 MA 119). Quanto à primeira, data de 1366 o primeiro registo de crase de *oo*, ou seja, o mesmo documento que evidencia *Vaſco: uōtade* (1438 Ped 95), *uōtades* (1402 MA 67), *vomtade* (1529 MA 148), *vōntade* (1366 MA 46), *vontade* (1467 Mai 117), *vontades* (1462 Alj 115) e *vōtade* (1500 MA 136).

A partir dessa data, a percentagem de formas que exibem a crase das vogais é de 70%, sendo que a última a conservar o hiato data de 1471. É mais tardia a primeira abonação a revelar a crase na forma historicamente resultante de *CAPĪTŪLU-*. Data de 1452 e, curiosamente, apresenta um falso hiato em posição tónica: *cabijdo* (1452 MA 106). A partir daí registam-se 30 formas, 97% das quais apresentando a crase das vogais ou, em alguns casos, simultaneamente um falso hiato em posição tónica e a geminação gráfica em posição postónica. Neste último caso, cremos tratar-se de formas que, indiretamente, provam que a fusão já estaria consumada na oralidade. Apresentam-se a seguir as formas que revelam a crase: *cabido* (1495 MA 134, 2 v.; 1500 MA 136, 2 v.; 1502 MA 137, 2 v.; 1505 MA 138, 2 v.; 1522 MA 144, 3 v.; 1527 MA 146, 4 v.; 1528 MA 147, 2 v.), *cabíjdo* (1453 MA 107), *cabijdo* (1452 MA 106; 1465 MA 116), *cabjdo* (1490 MA 131) e *cabydo* (1507 MA 139, 2 v.; 1519 MA 142, 2 v.). Indicam-se a seguir aquelas que manifestam um falso hiato e, simultaneamente, o encontro (que deverá ser apenas gráfico) das duas vogais posteriores: *cabijdoo* (1471 MA 119; 1478 MA 122; 1478 MA 123; 1479 MA 124; 1485 MA 128) e *cabíjdoo* (1477 MA 121). Após 1452, apenas em uma ocorrência se conserva

sobre as vogais: *vījrem* (1478 MA 123), *víjrem* (1479 MA 124), *vījrem* (1482 MA 125), *vijr* (1484 MA 126), *víjr* (1490 MA 131). Por outro lado, a variação *vjr* ~ *uījr* regista-se num documento tardio, oriundo de um documento da periferia (1487 PP 129). Sobre a grafia <-nr-> de alguns infinitivos (flexionados ou não flexionados) e futuros, consulte-se Mariño Paz (2002: 82-83).

ainda o hiato vocálico, com um diacrítico semelhante a uma vírgula sobre cada uma das vogais: *cabidóó* (1484 MA 126).

Manifesta-se mais tardiamente na grafia a crase das duas vogais em formas que, após a fusão, resultariam em monossílabos. Assim, por exemplo, só em 1428 a forma resultante de MAIORE- se encontra pela primeira vez documentada na sua configuração monossilábica: *mo[r]*: “teffourejro *mo[r]* em na çjidade de Ljfflboa” / “djito teforejro *mo[r]* do djtto senhor em a djtta çjidade” (1428 Alj 86, 2 v.), mas num documento de 1515, *moor* (2 v.) ainda convive com *Mor* (“do confelho d’el Rey nofo *Senhor* e feu efmoler *moor*”/ “Fernã de Monte *Mor*”) (1515 SM 141). No total, as ocorrências que revelam a fusão das vogais perfazem uma percentagem de 17%, o que é certamente enganador relativamente às transformações operadas na língua. A essa suposição conduz o documento 1351 Alv 37, que apresenta *mordomado* (3 v.), ao lado da variante (única no *corpus*) *maordomado*. Trata-se, contudo, de um documento isolado, onde, como já verificámos, outros tipos de crase se encontram consumadas na escrita. O que sabemos também é que a primeira forma a aparecer liberta das plicas sobre as vogais data de 1362, e o documento imediatamente posterior (1375) assinala a extinção desses sinais diacríticos. Estes testemunhos poderão constituir-se como provas indiretas de que, no estabelecimento da cronologia dos fenómenos linguísticos no período medieval, a periodização da língua escrita terá incontornavelmente de se autonomizar de uma periodização da língua oral.

2.12.9. Encontros de duas vogais diferentes: *oe* e *ea*

Para exemplificar o primeiro tipo de hiato, seleccionámos a forma *moefteyro* (<*MONĪSTĒRIU-), abundantemente representada em coleções documentais deste tipo. O resultado da assimilação vocálica que transformou *moefteiro* em *moofteiro* nunca foi detetado nos documentos sob análise⁴⁸. Esporadicamente, nos textos mais antigos, regista-se o til de nasalidade sobre a vogal que precedia -N- latino: *mōefteyro* (1297 Cós 4, 2 v.; 1297 Alc 5), e, excecionalmente, o hiato é assinalado com dois sinais diacríticos: *móéfteyro* (1298 Alc 6). Igualmente de modo excecional surge a forma *moêfteiro* (1366 MA 46).

As primeiras abonações que nos revelam a crase (*oe* > *oo* > *o*) datam apenas da última década do século XIV, após cerca de uma centena de ocorrências que exibem o hiato: *mofteiro* (1392 MA 60, 3 v.). Apresentamos a seguir a linha temporal da evolução dessa assimilação, nesta unidade lexical:

⁴⁸ Recordamos que Maia cita uma forma ducentista, encontrada num documento de Lugo (1997²: 574).

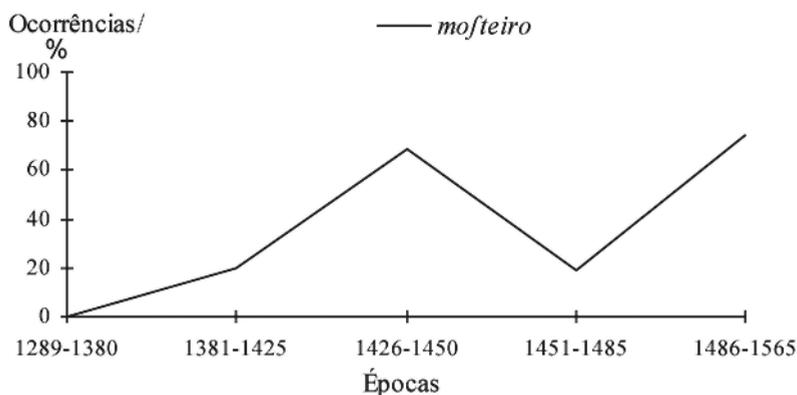


Figura nº 4 – Evolução da assimilação *oe > oo > o* na forma resultante de *MONÍSTÉRIU*

Como a figura demonstra, a forma que revela a crase das duas vogais parece ter sido aquela que vigorou em épocas em que os documentos são maioritariamente redigidos nos coutos (localidades periféricas ao mosteiro) ou por tabeliães gerais “por El Rey Noffo Senhor” no mosteiro e seus coutos, ou seja, tabeliães que, em virtude da mobilidade a que estariam sujeitos, não se encontravam vinculados a uma codificação gráfica tão rígida e uniforme como aqueles que pertenciam ao mosteiro. Essas épocas situam-se entre 1426 e 1450 e após 1485⁴⁹. Em um documento escrito no mosteiro por um tabelião da Pederneira, a vogal átona da sílaba inicial sofreu uma elevação por um processo assimilatório, tendo-se, posteriormente, desenvolvido uma semivogal e formado um ditongo: *mujft[ejr]o* (1442 MA 98)⁵⁰.

Ilustra a segunda situação a forma *meyadade* (< *MEDIETATE*-, forma vulgar) (1291 Alc 3; 1332 Alc 24; 1343 AM 31, 7 v.), que a partir dos últimos anos do século XIV é destronada por *meyatade* (1388 MA 58; 1399 MA 65) e *meatade* (1372 MA 47, 2 v.; 1377 Alv 50, 2 v.; 1380 Alv 52, 2 v.; 1402 Ped 68, 5 v.; 1415 Ped 77, 4 v.). Esta última começa a rivalizar (no interior do mesmo texto) com a forma que sofreu a crase, desde os primeiros anos do século XV: *metade* (1402 Ped 68; 1450 Alv 104, 2 v.; 1507 MA 139, 2 v.), mas a variante que exhibe as duas vogais idênticas parece dominar a segunda metade desse século: *meetade* (1465 MA 116, 2 v.; 1485 MA 128, 2 v.). Em documentos quinhentistas apenas se verifica a variante de tipo atual.

⁴⁹ A variação *moefteyro* ~ *mosteyro* parece, todavia, ter-se constituído como um fenómeno multissecular, pois no último documento, de 1565, surge ainda a variante *moesteiro* em sete ocorrências.

⁵⁰ Poderá igualmente admitir-se a hipótese de ter havido uma elevação e um fechamento da segunda vogal do hiato: *moeftejro* > *mujftejro*.

2.13. Hiato nos plurais dos nomes de lexema em -l⁵¹

Como é sabido, a síncope de -l- intervocálico deixou em contato duas vogais, pertencendo a sílabas diferentes. A eliminação desse hiato deveu-se, na generalidade dos casos, à transformação da vogal temática *e* em semivogal e conseqüente formação de ditongo (*aes* > *ais*; *ees* > *eis*; *-oes* > *-ois*, etc.). Esta coleção documental apenas fornece dados que nos permitem estabelecer a cronologia para dois tipos de plurais: plurais cujo lexema termina em -l precedido de *a* tónico e cujo lexema termina em -l precedido de *i* átono⁵². As primeiras manifestações inovadoras no primeiro tipo de plurais são aquelas que denunciam um tratamento semelhante ao que as mesmas formas tiveram no galego, ou seja, a assimilação da vogal temática à vogal da sílaba tónica *e*, posteriormente, a crase das duas vogais idênticas em *a*. É esse tipo de solução que se encontra documentada na primeira metade do século XV⁵³. Na segunda metade deste século, a vogal tónica chega a aparecer triplicada, como evidenciam os seguintes exemplos: *ofyçias* (1437 Ped 94), *quaaaσ* (1477 MA 121; 1478 MA 123), *rreaas* (1410 MA 73) e *rreas* (1423 MA 83, 2 v.).

A solução típica do português atual, ou seja, a transformação da vogal temática em semivogal e conseqüente formação de ditongo, apenas aflora tardiamente, como aliás em outros gêneros textuais remanescentes, já anteriormente percorridos. São os seguintes os exemplos desta coleção: *Cafays* (1541 Sal 152), *offejais* (1532 Tur 149, 5 v.) e *quais* (1529 MA 148, 2 v.). As abonações registadas (à exceção da mais tardia) permitem corroborar o que anteriormente já afirmámos relativamente ao contexto linguístico favorável à inovação:

Revelam uma notável precocidade os plurais de lexemas em -l precedido de *a* (...) que possuem uma vogal a preceder a sílaba tónica (...) e ainda de lexemas monossilábicos em -l, precedido de *a* (*tais* e *quais*, por exemplo). Esta celeridade evolutiva poderá dever-se, no primeiro caso, à dificuldade de atualização de três vogais silábicas que ficariam contíguas, após a síncope de -l- (Carvalho 1999: 273).

⁵¹ Para uma análise circunstanciada deste tipo de hiato, consulte-se Carvalho (1996: 123-140). Uma síntese desses resultados encontra-se publicada em Carvalho (1999: 265-281).

⁵² Os plurais dos lexemas em -l precedido de *e* tónico não apresentam qualquer tipo de inovação, ou seja, a vogal temática nunca aparece transformada em semivogal: *tonees* (1428 MA 87), *batees* (1442 SM 97), *mãtees* (1444 Alv 100), *pitintees* (1460 MA 113), *Manoees* (1529 MA 148), etc.

⁵³ Idênticas formas foram encontradas pela Autora de HGP (1997²: 659-660); registámos, igualmente, o plural *annuas*, num documento eclesiástico oriundo do Porto, do terceiro quartel do século XV, e *quas*, no *Livro Velho de Linhagens* (Carvalho 1999: 266-267).

Sabemos, porém, ainda que indiretamente, que já desde os primeiros anos do século XIV a nova configuração oral deste tipo de plurais provocava alguma falta de controlo gráfico aos tabeliães. A essa constatação conduzem grafias, abundantemente representadas, com vogal tónica *a* (mais frequentemente) ou *e* (temática) geminadas, sem qualquer fundamento etimológico. Apresentam-se, na figura seguinte, as tendências evolutivas epocais dos diferentes tipos de terminações⁵⁴:

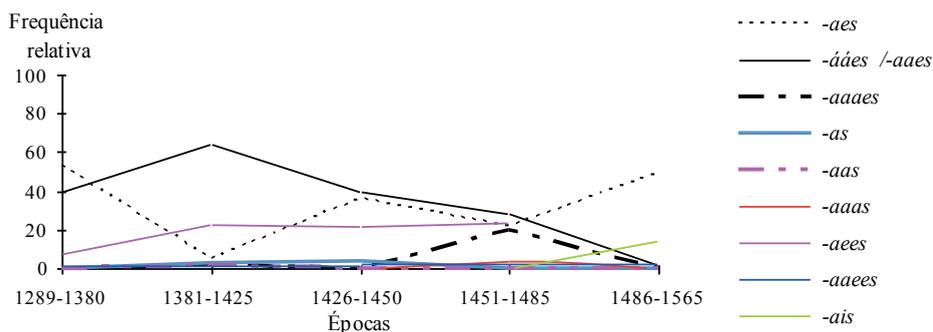


Figura nº 5 – Evolução das terminações dos plurais dos nomes de lexema em -l precedido de *a* tónico

O gráfico apresentado permite concluir que a transformação de *-aes* em *-ais* na oralidade era já uma mudança em curso desde o início do século XIV, apesar de só a partir do século XVI se manifestar na grafia. De facto, grafias do tipo *quaaes*, *rreaaes* (1317 Alc 16), *segraaes* (1328 Alj 21), *quaaes* (1329 Evo 22) ou *quaaaes* (1399 MA 66), que se registam nos textos desde o começo daquele século, revelam a falta de controlo dos tabeliães perante o início de uma mudança em curso.

Quanto aos plurais dos nomes de lexema em *l* precedido de *i* átono, a solução mais frequente até ao final do primeiro quartel do século XV é *-íjs*, *-íys* ou *-ijs*, ou seja, a vogal átona assimilou-se à vogal temática: *coujnhauíjs* (1379 Alc 51, 2 v.), *mouíjs* (1328 Alv 20; 1379 Alc 51, etc.), *mouíys* (1416 MA 78), etc. A partir do terceiro quartel do século XIV e até cerca de 1450, essa solução conviveu com a que resultou da crase das duas vogais átonas (*-js*; *-ys*): *moujs* (1366 MA 46; 1450 Alv 104, etc.), *mouys* (1397 MA 63; 1397 MA 64, etc.), etc., e a partir daí essa solução dá lugar à forma de plural correspondente à terminação do singular *-vel*. A expressão da alomorfa do plural encontra-se agora nas seguintes terminações: *-ueis*, *-uees* e

⁵⁴ A última forma a apresentar as duas plicas sobre as vogais (*-áaes*) data de 1425: *Nouáaes* (1425 MA 84).

-ues. O facto de a partir de 1495 apenas se registar a terminação *-ues/-ves* conduz a admitir a hipótese de ser esta última uma terminação simplificada de *-veis* ou de *-vees*. Apresentam-se a seguir as formas encontradas revelando as duas vogais idênticas, porventura a solução mais próxima do ideal de ortografia dos textos literários quatrocentistas: *estavees* (1490 MA 131), *mouees* (1433 Ped 90, 2 v.; 1465 MA 116; 1482 MA 125), *moueeσ* (1471 MA 119; 1477 MA 121; 1478 MA 122; 1478 MA 123; 1484 MA 126; 1484 MA 127) e *movees* (1452 MA 106; 1453 MA 107, 2 v.).

As formas de plural que se seguem, revelando a solução mais próxima do que seria já a oralidade, foram, no entanto, as primeiras a aflorar nos textos: *moueis* (1451 MA 105; 1459 MA 111), *moueiσ* (1467 Mai 117), *mouejjs* (1460 MA 112) e *moueyjs* (1442 MA 98). Curiosamente, a terminação que evidencia a crase foi aquela que vigorou em época mais tardia: *moves* (1451 MA 105; 1522 MA 144; 1528 MA 147) e *moues* (1495 MA 134; 1527 MA 146).

Apresentam-se, no gráfico seguinte, as tendências evolutivas epocais da expressão deste tipo de alomorfa⁵⁵:

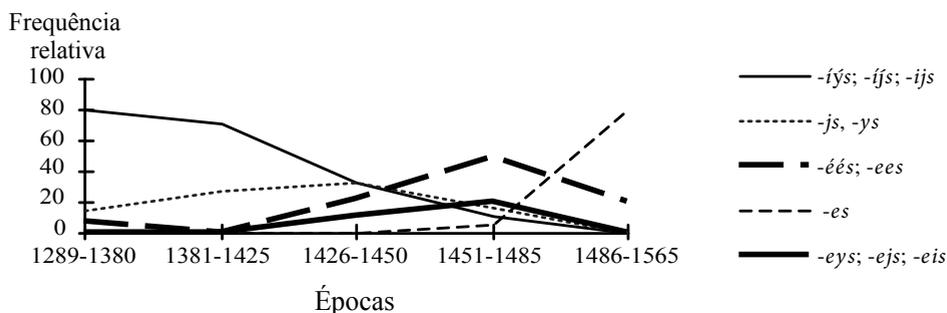


Figura nº 6 – Evolução das terminações dos plurais dos nomes de lexema em -l precedido de i/e átonos

A análise deste gráfico corrobora, assim, o que se concluiu, a propósito desta cronologia, em trabalhos realizados anteriormente:

Uma pista para o desaparecimento de *-viis/-vis* em proveito de *-vees/-ves* (...) parece poder encontrar-se no plural de *movil*, que surge na variante *moviis* na parte I da *Crónica de D. João I*, mas já na variante *movees* na parte II da mesma obra. Remontam à segunda metade do século XV as terminações modernas *-veis*, e não a uma época posterior ao século XVI, como alguns autores sugerem (Carvalho 1999: 274).

⁵⁵ A última forma a apresentar os sinais diacríticos sobre as vogais data de 1426: *mouíjs* (1426 MA 85), relativamente coeva da que foi apresentada para exemplificar o outro tipo de plural. Apenas foi registada a forma, única do género: *cōuenhauéés* (1328 Alj 21).

3. CONCLUSÕES

Sintetizaremos, seguidamente, os processos fónicos de resolução dos hiatos resultantes da síncope de consoantes intervocálicas e suas cronologias. Faremos, sempre que possível, uma comparação com a situação linguística dos documentos notariais publicados em *HGP* (Maia 1997²).

Terminação -ANA: encontram-se no nosso *corpus*, a partir de finais do século XIV, formas que revelam a ausência de nasalidade: *campaa*, *chaa*, *marraa*, *quintaa* são alguns exemplos. A crase das duas vogais em hiato começa a registar-se, na língua escrita da documentação em estudo, depois de volvido o primeiro quartel do século XV, por vezes sem representação da nasalidade na vogal, à semelhança do que acontece em *HGP* (p. 426; p. 581-583).

Terminação -ANU/-ANOS: formas com duplicação da primeira vogal (-aã/-aa-) começam a aparecer nos textos desde finais do século XIII, parecendo atestar, assim, desde essa altura, o desaparecimento do hiato na língua oral. Assim, por exemplo, as primeiras abonações da variante *maão* são coevas de *mão*, nos textos por nós selecionados, representando aquela cerca do dobro das variantes de tipo atual; do mesmo modo, as variantes *chaão* e *chaãos* são cronologicamente anteriores a *chão* e *chãos*. Também neste grupo, começam a surgir documentadas a partir de finais do século XIV formas em que não se encontra representada a nasalidade: *chaao*, *chao*, *jrmaao*, *Louçaa*, *maao* e *foaao* ilustram essa situação. Nas terminações representadas de -ANA e -ANU/-ANOS a dúvida que se coloca é saber até que ponto estas formas correspondem a formas reais vivas da época (e, nesse caso, a desnasalização teria caracterizado igualmente o português da zona Centro-meridional) ou se constituem apenas formas em que, por descuido, lapso ou hábito do copista a nasalidade não se encontra representada. Considerando, assim, que a vogal *a* geminada constitui um processo de reforçar na grafia uma vogal silábica que já se sentia perder-se na língua oral, não podemos duvidar que a perda do valor fonético das vogais em hiato é um fenómeno que, também na zona Centro-meridional, remonta a finais do século XIII, tal como na primitiva região galego-portuguesa, onde “deve ter-se realizado ao longo de vários séculos até que acabou por fixar-se na língua” (Maia 1997²: 427; 326 e 589-592).

Terminação -ONES: são igualmente numerosas as formas em que falta na terminação a representação gráfica da nasalidade, o que (ressalvando as ambiguidades da relação língua escrita/língua oral), poderá ser um indício de que, mais uma vez, a desnasalização afetou igualmente o português do Centro do País. Formas do tipo *capoef*, *côdições*, *çazoes*, *cõfromtações*, *cofitytuções*, *diuifoes*, *frangoes*, etc., que

também ocorrem nos documentos portugueses de *HGP* (p. 432 e 606), acentuam-se na segunda metade do século XIV. A partir do último quartel deste século aparecem algumas grafias que evidenciam a duplicação de uma das vogais. Trata-se de duplicações vocálicas sem fundamento etimológico que revelam indiretamente o desaparecimento do hiato da língua falada. A partir do século XV, esse tipo de formas surge muitas vezes sem a indicação de nasalidade: *capooes*, *cõdiçooes*, *obrigacooes*, *ocupaçooes*, *poŷyfoees*, *rrazooes* são apenas alguns exemplos. Formas congêneres estão, igualmente, representadas em documentos portugueses de *HGP* (p. 433 e 607). Curiosamente, na zona que nos ocupa surge tardiamente (num documento de 1541, escrito em Salir por um tabelião de Aljubarrota) um tipo de grafia, nunca encontrado na coleção de *HGP*: trata-se de *õys* e *oys* em formas como *cõffrõtaçõys*, *cõdyçõys*, *cõffrõtaçõys* e *deuyfoys*. Terá a grafia *-õys* o mesmo equivalente fônico de *-ões* (correspondendo já a um ditongo final), constituindo *-oys* apenas uma variante da terminação sem representação da nasalidade? Ou corresponderá a grafia *-oys* a um ditongo oral, configurando, assim, uma tendência dialetal periférica? Um outro resultado que aproxima o estado linguístico dos documentos agora estudados de uma das soluções do galego atual é a terminação *-õs*, que surge no terceiro quartel do século XIV: *quartejrrõs* (cf. *HGP*: 433). A maioria dos exemplos que atestam este tipo de evolução apresenta ainda as duas vogais em hiato e situa-se apenas na 2ª metade do século XV (na primeira metade deste século não se encontram abonações deste tipo): *cõdiçõõσ*, *cõfrontaçõõσ*, *frangoõσ* são alguns exemplos que parecem atestar a possibilidade de este tipo de plurais ter existido no português da zona Centro, onde viria a constituir-se a norma. Os dados agora aduzidos tornam inequívoco que se tratou de um fenómeno que se divulgou igualmente na zona Centro-meridional⁵⁶, embora nos documentos da região portuguesa contidos em *HGP* não tenham sido encontrados vestígios de formas congêneres (*HGP*: 433 e 607-608).

Terminação -ONA: os dados recolhidos no nosso *corpus* mostram que a variante *peffõa*, com ressonância nasal na terminação resultante de *-ONA*, não ultrapassa o século XIV, evidenciando todas as formas a partir dessa data a ausência de nasalidade. Nos documentos galegos, a ressonância nasal ainda existe em documentos do século XV. Por outro lado, o fonema que precede a vogal da sílaba tónica poderá condicionar a maior ou menor celeridade evolutiva na perda da nasalidade: *Lixbõa* e *bõa* manteriam a nasalidade até mais tarde (*HGP*: 436 e 610-611).

Terminação -ONU/-ONOS: De um modo geral, os nossos dados confirmam a perda de nasalidade na forma resultante de *BõNU/-ONOS* apenas no decorrer do século

⁵⁶ Recorde-se que este tipo de plurais foi encontrado por Maia (1975: 53-55) nos falares algarvios.

XV, tal como indiciam os dados de *HGP* referentes aos documentos portugueses. Contudo, a forma *boos* já se encontra documentada em 1291 Alc 2, o que faz prever a sua atualização desde época remota. Nos documentos da área galego-portuguesa, o hiato deverá ter desaparecido por crase das vogais, desde o século XIII (*HGP*: 437 e 611).

Terminação -UNU: O disfarce com que se apresenta a crase das vogais nas terminações resultantes de -UNU é comum às duas coleções documentais. De facto, se a percentagem de ocorrência dos exemplos de crase é, num texto de finais do século XIII, semelhante à frequência desses exemplos nos documentos quinhentistas, é muito provável que já nos tempos mais remotos ela fosse uma realidade da língua oral. A discrepância verificada nas percentagens ao longo de mais de dois séculos não é mais do que o resultado da obediência aos usos gráficos em vigor que, neste tipo de fenómeno (mais do que em qualquer outro analisado) insistiria em encobrir a tendência simplificadora por parte dos falantes. Esta hipótese fora, aliás, já defendida por Maia (1997²: 614). Formas sem qualquer registo gráfico da nasalidade (quer na terminação do masculino, quer do feminino) sobrevivem no nosso *corpus* até ao século XVI. É de supor, aliás, que ainda nesta altura tenham convivido nos textos os diferentes tipos de soluções apresentadas, a avaliar pelo documento 1522 MA 144, que exhibe *hũ* (2 v.), *hũu* (3 v.), *hus* e *huas*. Relativamente ao feminino, formas com geminação não etimológica da vogal da sílaba tónica são frequentes a partir do 2º quartel do século XV, acentuando-se na 2ª metade desse século. São também desta altura os exemplos aduzidos por Clarinda Maia oriundos da província do Douro Litoral (*HGP*: 438 e 612-615).

Terminação -ENA: o nosso *corpus* revela que, por volta do terceiro quartel do século XIV, *pea* (< PENA-) começa a aparecer em variação com *pena* e na década de 80 do mesmo século as variantes *pea/pëa* extinguem-se irreversivelmente, em proveito de *pena*, onde não se registou a perda de -N- intervocálico (*HGP*: 440 e 593-594). Tendo em conta a crise social e política em que Portugal se viu envolvido nessas décadas (e que culminou na conhecida batalha de Aljubarrota), tratou-se muito provavelmente de influência castelhana. Um processo pouco habitual de resolver o hiato criado com a síncope de nasal na terminação -ENA encontra-se na forma toponímica *Lejrja*, registada num documento de Aljubarrota, do segundo quartel do século XV (1428 Alj 86). Este tratamento, que consiste no fechamento da vogal da sílaba tónica após a perda da nasalidade, corresponde apenas a 9%, não tendo sido diagnosticado nos documentos da primitiva região galego-portuguesa.

Terminação -ENE/-ENES: quanto ao étimo BÊNE(S), uma forma esporádica registada no nosso *corpus* revela hiato vocálico no século XIV: *bêe*⁵⁷, mas o seu carácter excepcional não justifica uma proposta alternativa àquela que consiste em aceitar que a evolução se processou através da perda de *e* e posterior transformação de *n*, tornando final, em nasalidade da vogal anterior (*bê* é a forma generalizada, neste *corpus*). Na forma de plural, são, igualmente, muito frequentes formas com hiato, sem qualquer indicação de nasalidade, sobretudo a partir da década de 80 do século XIV, à semelhança do que ocorre em documentos galegos e da zona de entre o Minho e o Douro (*HGP*: 443 e 596-597). Os dados que expusemos na análise do nosso *corpus* mostram que há documentos que exibem duas ou três soluções gráficas diferentes, atestando o elevado grau de polimorfismo gráfico (não se sabe até que ponto traduzido em variação linguística) existente na fixação destas formas.

Terminações -INU, -INA: na coleção documental que agora se apresenta verificam-se formas com nasal palatal anti-hiática, pelo menos⁵⁸ desde os primeiros anos do século XIV. O documento 1304 Alc 10 apresenta as formas *moynhos* (2 v.) e *moyngo*, sendo muito frequente a flutuação entre variantes com e sem consoante nasal palatal em documentos do mesmo tabelião. Até cerca de 1350, as formas com a proveniência referida que apresentam o hiato vocálico representam 70%, mas a partir dessa data desaparecem dos textos. Assim, para além de 1351, a única forma a revelar tal solução é *camihõ* (1388), assinalando, assim, a extinção desse tipo de grafias nos documentos desta coleção. O desenvolvimento da nasal palatal parece ter-se consumado na Galiza mais cedo do que em Portugal, uma vez que, segundo Clarinda Maia, para além do século XIII apenas se regista uma forma que não a evidência (*HGP*: 443 e 599-601).

Síncope de -N- em outros contextos

Grupo -NI-: paralelamente às formas em que -NI- está representado pela nasal palatal, há algumas palavras em que ela não ocorreu, tendo-se perdido -N-, como em posição intervocálica, à semelhança do que ocorre nos documentos da coleção *HGP*: 445 e 623-625⁵⁹. A nossa coleção exhibe, igualmente (tal como *HGP*) apenas em

⁵⁷ Embora com outra proveniência, revelam o mesmo tipo de hiato *cõvêe* e *uêe*.

⁵⁸ O documento 1291 Alc 3 oferece, por ex., *ordinhamos* (sequência -INA-, com *i* átono) a par de *uinho* (2 v.). Não sabemos se *n* e *nh* em *ordinhar* correspondiam ao mesmo fonema e, por isso, ao mesmo processo fónico de resolver o hiato em formas que perderam o -N- nas sequências átonas -INU-, -INA- (em *ordiamêto* e *ordiança*). O nosso *corpus* revela que a forma *ordinhar* foi substituída, a partir de cerca de 1450, por *ordenar*.

⁵⁹ Na etapa mais antiga da língua, são comuns formas do tipo *estrãhos*, *señor*, *põha*, *cõpõhamos*, *teftemõyo*, *teftemoñõ*, *teftemoño*, etc. A questão que se coloca é saber até que ponto o sinal sobre-

documentos do primeiro quartel do século XIV, formas do tipo *teftemuyo*, *teftimoyas* e *teftimoyo*, sem representação da nasalidade. Na nossa opinião, deverão ser consideradas como formas reais vivas da época, pois não parece natural que os escribas da 2ª metade do século XIV e dos seguintes cometessem igualmente “lapsos” na representação da nasalidade dessas formas. Convém salientar que a partir de meados do século XIV regista-se um acentuado decréscimo de formas revelando a síncope de -N- no grupo -NI- e um aumento considerável de variantes que exibem o resultado da palatalização do grupo. A partir do século XV, apenas se documenta a forma *teftemũho* (1408), podendo o til corresponder a um sinal de abreviatura de *n* (<nh>) ou ao sinal gráfico de nasalidade da vogal da sílaba tónica.

Os primeiros exemplos que confirmam a crase das vogais pretónicas (após a síncope de -N-) em *gaanhar* localizam-se num documento de 1402 (*guanhara*), consumando-se, neste tipo de formas, a partir da década de 30 do século XV, sem exceção (*HGP*: 332 e 443-444). A primeira abonação de crase para o verbo *gaançar* é ainda mais precoce, situando-se num documento de 1392: “*gançados e por gançar*”, e data de 1413 a última ocorrência evidenciando o hiato vocálico.

A forma *mofteiro*, com crase das duas vogais, parece ter sido aquela que vigorou nos documentos redigidos nos coutos ou por tabeliães de áreas periféricas. Assim se justifica que esta variante seja a dominante entre 1426 e 1450 (70%)⁶⁰ e após 1485, épocas em que os documentos, redigidos por profissionais mais afastados do conservadorismo gráfico, se caracterizam por uma maior recetividade às inovações.

Os documentos analisados mostram também que, se nos casos das terminações finais com -N-, uma das direções da mudança foi no sentido da desnasalização (com alcance e consequências diferentes no português e no galego), em outros contextos, como em posição interior de palavras de uso corrente, deverá ter havido, inicialmente, alguma reação à ressonância nasal que envolveu as vogais (UENIRE > *uijr* > *uĩjr* > *vinr*, por ex.). A implementação do fenómeno da nasalização na segunda metade do século XV (prolongando-se até ao seguinte) foi certamente precedida de uma etapa de variação, mas é manifesta a escassez de dados que nos permitam reconstruir os focos sociais e geográficos das inovações⁶¹.

posto aos grafemas *a*, *o*, *h*, *y*, por exemplo, corresponde a um verdadeiro til de nasalidade ou a um sinal de abreviatura de <nh> (/ɲ/). Tendo em conta que formas desse tipo não se documentam em textos posteriores a meados do século XIV, parece-nos que deverão corresponder a formas reais, em que -N- se sincopou no grupo -NI-.

⁶⁰ Recordem-se alguns aspetos metodológicos apresentados na nota 4 deste artigo.

⁶¹ Afigurar-se-ia importante analisar a evolução deste tipo de ressonância nasal em diferentes tipos textuais, pois parece que a documentação notarial em estudo oferece dados um pouco diferentes da produção literária galego-portuguesa. Avaliar até que ponto esse tipo de nasalização seria

Os dados indiciam que a partir do segundo quartel do século XV a fusão das duas vogais idênticas no antropónimo *Vaaſco* se deveria encontrar consumada na língua oral, ainda que em muitos documentos persista o hiato, que deve ser apenas gráfico. Neste processo, os documentos redigidos nos coutos (ou por tabeliães exteriores ao mosteiro) são mais recetivos às soluções inovadoras, provavelmente pelo facto de os notários estarem mais distantes da rigidez da codificação gráfica, a cuja aprendizagem estavam submetidos os do *scriptorium* alcobacense. Mais tardio é o surgimento, nos textos, da resolução do hiato em *cabidoo*, ou por se tratar de duas vogais posteriores em posição postónica ou simplesmente pela inércia gráfica que caracteriza os formulários jurídicos.

Plurais dos nomes e adjetivos de lexema em -l

A solução típica do galego para os encontros vocálicos resultantes de síncope de lateral intervocálica nos plurais dos nomes de lexema em -l também se regista em documentos quatrocentistas da região Centro-meridional agora em estudo: *rreaas* (1410), *rreas* (1423), *ofyçias* (1437), *quaaas* (1477; 1478) permitem concluir que o fenómeno da assimilação da vogal temática à tónica e posterior crase das vogais seria conhecido, pelo menos a partir do século XV, em território a sul do Minho (Maia 1997²: 458 e 659-660).

* * *

Em suma, o nosso estudo evidencia que uma das mudanças que se verificou em território português baseou-se, tal como no galego, num “previo estado de variaçión entre solucións nasalizadas e desnasalizadas” (Mariño Paz 2002: 77), particularmente acentuado em posição final de palavra, e a partir de finais do século XIV⁶².

estigmatizada ou valorizada geográfica e socialmente é um dos desafios para a Sociolinguística histórica. Espera-se que novas coleções documentais (não apenas medievais mas que ultrapassem o século XVI) venham lançar mais luz no esclarecimento desta questão.

⁶² Esta cronologia poderá estar relacionada com a mobilidade populacional associada aos acontecimentos sociais e políticos que culminaram na célebre batalha de Aljubarrota (1385). Veja-se o que foi dito sobre as circunstâncias socio-históricas da mudança na língua portuguesa, em Carvalho (1996: 153-154) e Carvalho (2002: 24). De facto, a mobilidade populacional bem como a nova ordem social que a partir daí se instituiu (com o triunfo do povo e da burguesia) tiveram um papel fundamental na mudança estrutural da língua, mas deverão ter igualmente proporcionado a divulgação geográfica e social de traços fonéticos, quer se trate de traços hoje considerados dialetais ou não. Já mencionámos a penetração do ditongo *ou* em lexemas que tinham *oi* etimológico (Carvalho 2006: 404-410), a neutralização da oposição fonológica *b/v* bem como a confusão de sibilantes (Carvalho 2006: 416-420). Os fenómenos de desnasalização e de nasalização vocálicas poderão estar incluídos neste grupo.

A análise efetuada permite diagnosticar a maior parte da resolução dos hiatos vocálicos depois de volvido o primeiro quartel do século XV. Em poucos casos (eventualmente com vogais fechadas e em posição átona), essa resolução só se consuma a partir da segunda metade desse século. Também as soluções apresentadas para a resolução dos mesmos são idênticas, no nosso *corpus*, às reveladas pelos documentos medievais da primitiva área galego-portuguesa, editados por Clarinda Maia (1997²). Assim, se adotarmos uma perspectiva variacionista, torna-se inevitável considerar a existência de um *continuum* diacrónico e dialetal na faixa ocidental peninsular, ao longo da história do (galego)-português, pois, como ficou demonstrado, a língua dos documentos das regiões em contraste revela que houve tratamentos comuns às regiões a norte e a sul do rio Minho. Tais resultados fazem adiar (ou, pelo menos, conduzem a questionar) o termo *ad quem* da unidade linguística galego-portuguesa, no que diz respeito à cronologia deste fenómeno, um dos mais expressivos da história linguística peninsular.

BIBLIOGRAFIA

- Boullón Agrelo, A. (1999): *Antroponimia medieval galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. <http://dx.doi.org/10.1515/9783110909432>.
- Cardeira, E. e Fernandes, M. A. (1999): “As terminações nasais nas Actas das Vereações de Loulé (séculos XIV-XV)”, en A. C. M. Lopes e C. Martins (coord.): *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, I. Braga: APL, pp. 251-263.
- Carvalho, M. J. (1999): “A alomorfa no plural dos nomes e adjectivos de lexema em -l: um estudo de morfologia histórica portuguesa”, en A. C. M. Lopes e C. Martins (coord.): *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, I. Braga: APL, pp. 265-281.
- Carvalho, M. J. (2013): “Contributo para o estudo da evolução das terminações nasais portuguesas (sécs. XIII-XVI)”, en E. Casanova Herrero e C. Calvo Rigual (eds.): *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas (Valencia 2010)*, I, Sección 1: Descripción histórica y / o sincrónica de las lenguas románicas: fonética y fonología. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, pp. 567-577. <http://dx.doi.org/10.1515/9783110299892.567>.
- Carvalho, M. J. (2006): *Documentação medieval do mosteiro de Santa Maria de Alcobaca (sécs. XIII-XVI). Edição e estudo linguístico*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (inédita).

- Carvalho, M. J. (1996): *Do Português arcaico ao Português moderno. Contributos para uma nova proposta de periodização*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (inédita).
- Carvalho, M. J. (2002): “Periodização da língua portuguesa num contexto social: uma contribuição para a Sociolinguística histórica”, *Revista Galega de Filoloxía* 3, pp. 11-27.
- Castro, I. (1993): “A elaboração da língua portuguesa no tempo do infante D. Pedro”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* 69, pp. 97-106.
- Cintra, L. F. L. (1963): “Observations sur l’orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII^e siècle”, en Georges Straka (ed.): *Apport des anciens textes romans non littéraires à la connaissance de la langue du Moyen Âge*. Paris: Klincksieck, pp. 188-206.
- Cocheril, Dom M. (1989): *Alcobaça. Abadia Cisterciense de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Cunha, A. G. (1998¹⁰): *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Labov, W. (1994): *Principles of Linguistic Change, I: Internal Factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell Publishers.
- Lipski, J. M. (1973a): “Diachronic Phonology as rule complication: a Galician example”, *Lingua* 32, pp. 47-60. [http://dx.doi.org/10.1016/0024-3841\(73\)90003-X](http://dx.doi.org/10.1016/0024-3841(73)90003-X).
- Lipski, J. M. (1973b): “On the Evolution of the Portuguese -ão”, *Vox Romanica* 32/1, pp. 95-107.
- Lorenzo, R. (1987): “Algunhas consideracións sobre a *História do Galego-Português* de Clarinda de Azevedo Maia”, *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 14, pp. 441-488.
- Lorenzo, R. (1977): *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Edición crítica anotada, com introducción, índice onomástico y glosario, II (Glosario). Orense: Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijoo”.
- Louro, J. I. (1952): “Origem e flexão dalguns nomes portugueses em -ão”, *Boletim de Filologia* 13, fasc. 1-2, pp. 37-65.
- Machado, J. P. (1995⁷): *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- Maia, C. de A. (1997²): *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Lisboa: FCG e JNICT.
- Maia, C. de A. (1975): “Os falares do Algarve. (Inovação e conservação)”. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia* 17/1-2.

- Mariño Paz, R. (2002): “A desnasalización vocálica no galego medieval”, *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 29, pp. 71-118.
- Mettmann, W. (1959-1972): [*Afonso X*], *Cantigas de Santa Maria*, I e IV. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Nunes, J. J. (1989): *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Clássica Editora.
- Vasconcelos, J. L. de (1928): *Antroponímia portuguesa. Tratado comparativo da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos usados por nós desde a idade média até hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Williams, E. B. (1962²): *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.